

## Estação 21 #014 – Distopias



### Ficha técnica

Neste episódio (anteriormente mencionado como episódio #104), Sidney Andrade, Gabriel Martins, Marciel Faria, Carol Lima e Maysa Nascimento vieram conversar sobre um gênero que anda muito popular ultimamente, mas que é bem mais antigo do que a gente imagina: as Distopias; e como elas nos ajudam a pensar no nosso modo de se organizar politicamente.

Originalmente publicado em 30 de janeiro de 2021 <https://leitorcabuloso.com.br/2021/01/estacao-21-014-distopias/>



## Onde você nos encontra?

- Twitter: [www.twitter.com/estacao21pod](http://www.twitter.com/estacao21pod)
- Instagram: [www.instagram.com/estacao21pod](http://www.instagram.com/estacao21pod)
- Youtube: [www.youtube.com/estacao21pod](http://www.youtube.com/estacao21pod)
- Twitch: <https://www.twitch.tv/estacao21pod>
- Email: [estacao21pod@gmail.com](mailto:estacao21pod@gmail.com)

## Colaboraram com esse episódio

- Identidade Visual: Édipo Barreto
- Identidade Sonora: Pablo de Assis
- Arte da capa: Édipo Barreto
- Edição de Áudio: Aline Bérghamo
- Revisão de Áudio: Carol Lima
- Pauta: Gabriel Martins;

## TRANSCRIÇÃO – Estação 21 #014 – Distopias

- Transcrito e diagramado por Aline Bérghamo

## Sumário

1. Apresentações	3
2. Conceitos	4
3. Um prelúdio à 1984	16
4. Os quatro pilares das Distopias Clássicas	20
5. Distopias Modernas	30
6. Encerramento	44

## 1. Apresentações

(VINHETA DE ABERTURA – “Aviso: Este podcast não é recomendável pra crianças ou outras pessoas sensíveis a conteúdo adulto e linguagem explícita”. – SEGUE-SE MONTAGEM DE FRASES E CITAÇÕES INTERCALADAS E SOBREPOSTAS EM DIVERSAS VOZES)

Sidney Andrade: Está no ar mais uma Transmissão do podcast estação 21. Esperamos que você tenha muita boa sorte na arena e que a sorte esteja sempre a seu favor.

(todos comemoram)

Carol: Não sei se vale comemorar, entrar na arena...

Sidney Andrade: Hoje a gente é só dor e tristeza. Só sofrimento e desolação. Nesse episódio que vai arrancar seu coração, porque nós falaremos hoje sobre distopias. Sim, a gente vai falar de coisa ruim, que é o que política e ficção científica. Duas coisas horríveis quando se juntam, dão nisso, não é mesmo? Dão no quê? No reality show e em outras coisas assim que estão muito mais próximas da realidade do que a gente gostaria, não é principalmente neste andar da carruagem do ano de 2020, que é quando a gente está gravando você que está ouvindo, já está no futuro. O futuro já começou para você aí, mas eu creio que ainda está tão ruim quanto, porque as coisas não mudam em alguns meses. Eu sou Sidney Andrade estou aqui carregando o livro, a crônica do matador do rei na minha memória, porque todos os bombeiros queimaram todos os livros da minha biblioteca clandestina que eu tinha na realidade Fahrenheit 451, e estou aqui com ela. Olha ela que voltou sob a vigilância das lentes do grande irmão, AKA Big Brother, Carol Lima.

Carol Lima: Estou aqui fugindo da frente da minha tela, tentando esconder tudo o que eu posso do partido.

Sidney Andrade: Mulher, ninguém foge do olhar do grande irmão. Você está perdida...

Carol Lima: Veremos.

Sidney Andrade: Eu não verei né kkkkk estou aqui também com ele, ele que diz que é um Avox da capital, então eu não sei muito bem como é que ele vai passar 3 horas falando conosco que é o tempo médio das gravações aqui, o nosso, Avox de estimação, servindo todas as nossas comidas. Marcel Faria.

Marciel Faria: Olá. Reconstruíram a minha língua assim que eu fugi da capital.

Sidney Andrade: A foi? Tem essa tecnologia No Jogos Vorazes 2 o retorno?

Marciel Faria: Torço para que tenha.

Carol Lima: Inimigo, agora é outro.

Sidney Andrade: É a outra capital, não é? E temos ela. A Princesinha da seleção não, isto não é uma piada sobre futebol, é uma piada sobre distopias, Maysa Nascimento.

Maysa Nascimento: Eu mesmo a queridíssima só assistindo de camarote os rebeldes atacando.

Sidney Andrade: Meu Deus, já já descobriremos. E temos ele que é o dono da pauta e teve que tomar muito soma, né? Para conseguir fazer essa pauta aí não ficar desgraçado da cabeça, nosso fanfiquero favorito Gabriel Martins.

Gabriel Martins: Olá, eu queria dizer que pane no sistema alguém me diz configurou...

Sidney Andrade: Tá ótimo, eu adoro, é citações musicais, amei, é uma distopia musical. Será que tem? A Disney deve ter feito, né? Uma distopia musical... mas é isso, gente. Hoje a gente vai falar sobre esse gênero da ficção especulativa ou subgênero, algumas pessoas consideram assim, que são as distopias. Nós já falamos sobre uma delas no nosso podcast, você tem aí um episódio inteiro sobre Jogos Vorazes, que é uma obra que se encaixa nesse gênero. Hoje nós vamos discutir e debater sobre o gênero em si, o que é que ele tem para nós é ensinar, né? E falar sobre algumas outras obras do mesmo gênero além de Jogos Vorazes. Estão animados?

Gabriel Martins: EMPOLGATED

Carol Lima: Sim, embora eu saiba que no fim desse episódio eu vou estar deitada no chão, morta, triste.

Sidney Andrade: Estou preparadíssimo para os meus dois minutos de ódio.

(VINHETA DE TRANSIÇÃO: MONTAGEM DE EFEITOS SONOROS)

Franco: Olá, ouvintes da estação 21, eu sou Franco, vocês já devem ter me escutado em algum episódio. Ou não, se não corre lá para me ouvir e me dá um biscoito, eu vim aqui para convidar vocês para o nosso grupo de WhatsApp. É lá que rolam as chamadas para gravar, além de conversarmos sobre os episódios e outras coisas. Em geral, o pessoal é super receptivo e gente boa entra lá para falar com a gente. Quero divulgar também os nossos clubes. Se você quer fazer parte da estação 21, seja na produção de pautas, na criação de capas de identidade visual, editando os episódios, divulgando em nossas redes, fazendo transcrições, escrevendo fanfics e até mesmo assistindo um filme ou jogando um RPG, é só preencher o formulário. Os formulários para o grupo do WhatsApp e para os clubes se encontram no post do episódio. Um abraço e aproveite o programa.

(FIM DA VINHETA DE TRANSIÇÃO)

## 2. Conceitos

Sidney Andrade: Bom, então vamos a isso, não é mesmo, pessoal? O tema é distopias. E a gente começa aqui a pauta do Gabriel, do Gabriel Martins que está aqui. Você estava dizendo agora a pouco que a sua pauta favorita, Gabriel, que você fez até hoje. O quê?

Gabriel Martins: É verdade. A minha pauta favorita porque é... Como você já deve lembrar, no episódio de Jogos Vorazes que eu estava lá. Minha primeira distopia foi Jogos Vorazes, mas depois eu fiquei tão surtado com esse tipo de conceito que eu saí loucamente atrás de outras coisas. E hoje em dia é meu subgênero de fantasia, quer dizer, de ficção especulativa favorito e por isso que eu gosto muito de pesquisar sobre. E por isso que é meu favorito.

Sidney Andrade: A que legal. E vocês, qual é a relação de vocês com o tema, Carol?

Carol Lima: Ai, eu consumo distopia muito tempo é, eu tinha uma professora de história maravilhosa, inclusive beijo Carol

Sidney Andrade: Um beijo para si mesmo.

Carol Lima: Queria eu. E ela me emprestava livro, e ela me emprestou muitos livros que eram distopias. E foi por isso que, depois, ao ler Jogos Vorazes, eu curti tanto, porque eu achei muito massa essa revisitação do gênero, sabe?

Sidney Andrade: Ai, é muito legal mesmo. Teve aí né, um boom de distopia. Já já a gente comenta, mas parece que distopia é um negócio mais novo do que realmente é, não? Por causa de Jogos Vorazes. E você Maysa?

Maysa Nascimento: Olha, eu sempre gostei, né? Numa ideia onde um eu sempre admirei muito o escritor que usa da criatividade para criar um mundo totalmente novo, de realmente criar algo diferente e querer passar uma mensagem. O fato de criar uma sociedade toda do zero, com uma linha por trás da história principal, mas que dá sentido à história principal. Sempre achei muito fascinante, então é assim. Eu li muitas histórias antes mesmo de saber o que é distopia ou de ler Jogos Vorazes de fato. Mas eu li muita coisa antes de chegar Jogos Vorazes pelo simples fato de adorar a ideia de um mundo totalmente diferente, que eu acho muito legal.

Sidney Andrade: Marciel, você.

Marciel Faria: Eu acho que eu comecei a ler distopias pelo 1984, e aí foi meio que ladeira abaixo... foi revolução dos bichos, laranja mecânica...

Carol Lima: Ladeira acima, heim.

Marciel Faria: E eu peguei Jogos Vorazes pela primeira vez esse ano e está sendo uma experiência muito boa. Eu conheci os filmes, mas a ambientação do livro é uma imitação tão angustiante e por algum motivo, eu gosto de ficar dentro dessa atmosfera, mas é The Handmaid's Tale também estão nas melhores séries que eu estou acompanhando o expresso da manhã também, toda, toda essa temática me atrai muito ruim, então não sei explicar muito por que, mas é um dos tópicos que eu mais consumo.

Sidney Andrade: Eu gosto de distopia desde sempre também. Eu acho que mesmo desde antes de Jogos Vorazes. Não sei dizer de onde saiu o meu fascínio, é um gênero também que eu gosto muito. Até porque eu gosto muito de ficção científica e é, apesar de ser um gênero em si, a distopia faz parte da ficção científica. Né? Porque é muito... eu encaro a distopia, desse jeito. Assim, a gente costuma pensar em ficção científica, na ficção científica clássica, como é temas que tocam ou que alteram em conceitos das

ciências naturais, né? Das ciências da natureza, da física, da biologia e tal, da astronomia etc. E eu encaro a distopia como é a ficção científica das ciências humanas, né? E das ciências sociais. Porque são esses experimentos também de extrapolação que assim que a ficção científica clássica faz, só que com conceitos das ciências sociais e não das ciências naturais. E aí, para mim, é como eu sou mais de humanas que exatas, né? Do que das naturais, é, flui melhor para mim ler distopia, porque é o debate é ficcional, das ciências sociais, me é mais caro, é mais próximo por conta da minha formação e tal. E eu gosto muito, mas é assim, isso também não torna os outros tipos de ficção científica que são os mais aclamados e mais clássicos é, pelo menos do público geral de ficção científica, não faz eu gostar menos deles, né? Mas eu só me sinto mais íntimo das distopias por causa disso, né? Porque eles são esses debates sociais e políticos importantes que estão aqui, fantasiados de ficção científica, sendo que na verdade eles são extrapolados da nossa realidade social, né? Na maioria das vezes.

Carol Lima: Algumas não tão extrapoladas assim, né ultimamente.

Sidney Andrade: Bons algumas se realizaram, a gente nem viu, né? Está vivendo nelas e não percebeu. Mas temos assim para começar, o debate em si mesmo. O Gabriel colocou uma frase aqui que ultimamente ela tem sido muito debatida, né, que é o próprio George Orwell, que é o autor do 1984, né? O livro que que a Carol fez menção, né? Que eu fiz menção a Carol no começo, é ele, ele trata disso: como é impossível você ser isento. Principalmente na arte, né? O, que é o que é muito irônico para o tipo de debate que a gente tem tido hoje em dia com as redes sociais, que é o fato de que as pessoas estão por, por ficarem desconfortáveis com os posicionamentos, elas cobram certa imparcialidade da imprensa, o que para mim é simplesmente estúpido. Você cobrar imparcialidade da imprensa, mas também se cobra imparcialidade da arte. Como se a arte não pudesse ser política também, né? E o George ele no prefácio do 1984 ele já aponta para isso de que é impossível você ser isento, porque você isentar-se já é se posicionar politicamente e isso é uma massa muito empregada hoje, para quem tem um mínimo de, para mim, na minha interpretação, para quem tem um mínimo de clareza, é política ou é minimamente politizado é perceber-se que a neutralidade em impossível e que pretendesse neutro já é um posicionamento bem marcado, apesar de você achar que não está demarcando seu posicionamento, né? Que vocês acham disso?

Carol Lima: Eu. Eu gostaria de iniciar dizendo que George é uma das pessoas mais injustiçadas das distopias, porque o pessoal fica usando ele de desculpinha para fazer propaganda anti socialista comunista. É, mas eu... eu acho que essa é uma frase, uma frase, não, mas um conceito que era muito verdadeiro na época. Eu acho que está sendo mais verdadeiro ainda hoje, principalmente com essa polarização muito doida que a gente está vivendo. E que é até engraçado, né? Porque pode ser até aquele fenômeno da história ficar dando voltas e se repetindo. E nunca foi mais verdade, assim, né.

Maysa Nascimento: Demais.

Sidney Andrade: Pois é, mas então é ouvinte que está aí coladinho e já começou a se coçar com esse papo, né... Porque pode ser que acha que, mas eu não sou nem lá nem cá, não sou nem isso nem aquilo, não gosto de radicalismos, né? Esse de neutralidade

das vezes é, bem, é conveniente para quem fala, mas para quem é oprimido e para a realidade em si, ela, ele não é nada neutro, não é? Você se pretende neutro, mas na verdade você está operando para um lado, ainda que você ache que você não está, não sei, talvez no final desse podcast você repense aí. E, seja para um lado, ou seja, um para o outro. Esclareça sobre que poções você toma e que opiniões você tem e as e as revele e se empodere delas, né? Seja de qualquer maneira que seja, porque não sei, o discurso da neutralidade é para mim é mais conveniente do que o discurso que se opõem ao meu discurso. Por exemplo, eu, eu, eu aí eu detesto mais uma pessoa que se diz neutro.

Carol Lima: Com certeza.

Sidney Andrade: Prefiro uma pessoa que se diz contra as coisas que eu sou, porque pelo menos está claro para mim o que que aquela pessoa pensa. Pensa, o que? o contrário de mim. Já o neutro, é o Lobo em pele de cordeiro, aí ninguém sabe.

Carol Lima: Isso me lembra muito Hamilton, que é quando ele vai dar o apoio ou não para o Aaron Burr e ele diz tá, eu vou apoiar é Thomas Jefferson, porque ele é pelo menos eu sei o que ele pensa, e você, meu filho?

Sidney Andrade: Certo? Nunca falou, né? Nunca saiu de cima desse muro. Saia de cima do muro. Bom, mas vamos aos conceitos antes da gente passar para o conceito de distopia, a gente tem que passar pelo conceito necessariamente de utopia. Eu acho que é a maior parte da dessa introdução que a gente vai fazer, a gente por tangenciou, no podcast de Jogos Vorazes. Quando a gente estava contextualizando, não é? Mas vale sempre ressaltar, não é mesmo. E aí, Gabriel, que é uma utopia?

Gabriel Martins: Pra gente pensar em distopia no caso primeiro a gente tem que pensar na utopia como tu disse. E o que é a etimologia da palavra: o “topos” de tupia seria lugar e a partícula U seria de uma negativa, então utopia seria não lugar, um lugar que não existe pela própria palavra, é um lugar irreal e esse termo começou pelo livro mesmo utopia, Thomas More, em 1516.

Sidney Andrade: Aí você tira que eu a discussão é muito mais antiga do que a gente imagina, né? Século 16 já tinha utopias que é pelo que o Gabriel está dizendo. Parece que é o contrário do que a gente vai dizer, mas a gente vai ver que não é bem o contrário, não.

Gabriel Martins: E também as utopias, elas tentam reconstruir a humanidade, uma sociedade perfeita assim. Por isso seria um lugar irreal, e ela sempre considera um tempo entre o Presente e o futuro entre o “futuro perfeito” e o que a gente vive agora. Uma coisa interessante aí também que é que utopias normalmente são gerados por 2 princípios. A primeira é a experiência histórica, que seria a metáfora do lugar que é real. Por exemplo, a mesma utopia de Thomas More, que é uma metáfora para a Inglaterra, uma Inglaterra perfeita, ou a ideia de uma construção abstrata de uma civilização que desce do céu. Como por exemplo o livro a cidade do Sol, de Tommaso Campanella, de 1602 que daí seria um Paraíso na Terra.

Sidney Andrade: O próprio conceito de Atlantis, o reino perdido no mar também é um conceito utópico e tal. E hoje em dia a gente usa a palavra utopia como sinônimo de fantasia inatingível, né? Você está sendo tópico e tal. A palavra tem esse sentido mesmo, mas é na literatura aí nessa época ela começou nessa tentativa de escritores

imaginarem mundos perfeitos, só que, é claro que a gente vai pensar o nosso mundo perfeito a partir do nosso viés, né? E eu pensei que antes, quando eu não estava tão é letrado no assunto, né? Quando eu não tinha lido tantas coisas sobre o tema distopia e utopia, eu pensei que se eu fosse ler uma obra utópica, ia ser tudo maravilhoso. E aí a gente parar para pensar ou é mais que graça tem, não é mesmo? Não tem conflito, como é que pode? E aí eu parei para ler o Utopia do Thomas More, né? E eu percebi, nossa, mas é claro que esse conceito ia ser é ressignificado nesses 500 anos aí que já passaram entre ele escrever e hoje porque a gente percebe claramente que é uma utopia do ponto de vista de um povo, né? E de uma mentalidade e de uma ideologia, e a gente vai usar essa palavra nesse podcast também, prezados, ideologia.

Sidney Andrade: E aí, quando você lê a utopia, e pelo menos eu assim percebi, se alguém aqui, mas eu e quiser falar também pode, mas quando eu li a Utopia eu disse, mas isso é péssimo, sabe? Essa sociedade aqui tá o ó. Mas assim era utópico para o cidadão da Inglaterra do século 16, né? E você percebe que o que é o Paraíso para uns é o inferno para outros, não é mesmo?

Gabriel Martins: Um pouquinho sobre o negócio de inversão é que, por exemplo, depois a gente vai ver aqui em distopia para o governo, eles estão vivendo uma utopia. Por exemplo, em Jogos Vorazes na capital, lá ele estava vendo um país perfeito. É uma utopia total, mas como tem essa questão de inversão a gente vê alguns outros lados também.

Carol Lima: Sim, é aqui que a gente pode justamente enveredar, não é para o conceito de distopia que é justamente eu gosto de dizer que a distopia, ela é o que está debaixo do tapete da utopia.

Sidney Andrade: Um, exatamente.

Carol Lima: Que é justamente essa parte feia, essa parte que não é de interesse geralmente dos governos, desses lugares que não tem interesse em mostrar.

Sidney Andrade: Dos dominadores mostrar, como estão os dominados é, e aí a gente parte para... É interessante a gente entender que a distopia ela é só, ela não é um estilo literário diferente, ela não é um modo de perceber a realidade diferente, ela é só uma perspectiva diferente sobre a realidade, né? Com a utopia, a gente tinha perspectiva na escrita do colonizador, do idealista e do governo. Na distopia a gente já tem a perspectiva de quem está embaixo nessa pirâmide, né? Que é geralmente o cidadão comum, né, dessa sociedade. E aí a gente percebe que a diferença entre o Paraíso e Inferno realmente é uma questão de ponto de vista.

Gabriel Martins: Né? Uma questão de que a gente comentou sobre à etimologia antes, né? O “dis” de distopia seria um negócio anormal, dificuldade, um prefixo de doente, ou seria, no caso, uma sociedade, um lugar no sentido literal, uma forma distorcida te lugar. E tem um contexto histórico também, o grande book das distopias, das mais conhecidas que a gente tem aqui, que seria assim, depois de grandes crises mundiais, como a primeira guerra mundial e a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque e a ascensão de regimes fascistas como nazismo na segunda mundial. Nesse contexto, a na verdade, a gente vai ver também que teve um prelúdio um pouco antes. Já tinha algumas ideias sobre isso, mas o grande boom veio a partir dessa época de guerras.



Sidney Andrade: É engraçado e perceber que também que o termo distopia, ele foi cunhado em mil oitocentos e pouco, né? No século 19, então também não é tão é novo, nem a utopia, nem a distopia, né? O pessoal que lê Jogos Vorazes e como é o nome daquele outro gente que quis imitar de autora divergente é detergente convergente, pode pensar que é um fenômeno moderno. Do final do no final do século passado, né? Dos anos 1990 e tal, mas não é do século 19.

Sidney Andrade: Mas gente, temos que fazer um disclaimer aqui, porque existe uma certa confusão entre distopia e romances e textos pós apocalípticos. Então anote aí, Senhora, para você não confundir o que é distopia e o que é pós apocalíptico, tá bom? Para você não confundir. Quais são as diferenças, Gabriel?

Gabriel Martins: No caso dos conceitos, é, eles não são necessariamente ligados, eles podem estar ligados, mas não quer dizer necessariamente que uma história se passar no período pós apocalipse, não necessariamente quer dizer que é distopia, pois nem toda distopia, é apocalíptica. E nem toda pós apocalíptico é uma distopia, por exemplo, a gente vê mais exemplos depois, mas The Walking Dead, por exemplo, é uma série pós apocalíptica, mas não necessariamente ainda com temas distópicos, apesar de poder ter em algum momento ou outro. E também tem distopias que a gente vai ver mais à frente que não se passam no futuro pós-guerra necessariamente.

Sidney Andrade: Sim, é interessante também que o gênero pós apocalíptico, ele está mais ligado assim, naturalmente, pelo menos na minha percepção de fenômenos naturais, né? Ou de grandes catástrofes, seja um científicas, ou sejam da natureza... um grande vulcão que explodiu uma explosão nuclear ou o vírus que foi dispersado, e aí a ordem mundial, ruína né? Entra em colapso completo e existe uma total falta de organização social. E aí é que a gente tem o tema pós apocalíptico. Tem um livro muito famoso que é A Estrada vocês já leram?

Falando juntos: Não

Sidney Andrade: É um livro muito bom, ele é pós apocalíptico. É difícil essa palavra, não é? Pós apocalíptico por excelência, que é um pai tentando é levar o filho para um lugar depois que o mundo acabou aí numa tragédia meio que ambiental. Está todo mundo se matando porque o mundo acabou. O mundo acabou para os humanos, né? E vale sempre ressaltar que o apocalipse sempre é para os humanos nunca é para a Terra em si, porque a Terra, né? A Terra sobrevive. Nós que somos patéticos, e frágeis, como diria o Smith de Matrix.

Maysa Nascimento: Até engraçado falar, né? Sobre essa diferença, porque eu estava até refletindo aqui agora, na verdade, porque é muito fácil a gente associar um apocalipse, um tipo de apocalipse para o nascimento de um novo tipo de sociedade, mas geralmente não precisa ser um cataclisma ou algo assim, algo tão trágico quanto para que nasça uma nova sociedade, né? E é muito engraçado que eu não tinha pensado nisso até esse momento.

Carol Lima: Porque a forma mais conveniente de acabar com toda uma estrutura. Uma conjuntura, não é?

Sidney Andrade: É, mas eu acho. Que foi o que o Gabriel falou do de que o boom das distopias veio com essas situações de guerra e de calamidade social governamental

muito grandes, porque aí percebe-se que também a ordem social, ela não está à mercê só das intempéries naturais, ela está à mercê da própria população e da própria estrutura social. Ela pode ruir por si só. O advento de uma guerra ou de brigas políticas e tal, elas não são causadas naturalmente, são causadas pela ação do homem e isso é outro tipo de tragédia. Só que essa tragédia é tratada na distopia e não pós apocalíptico, né? Porque aí a gente vai ver como é que a sociedade se reorganiza a partir dessas crises, né? Que ela tem em si e na maioria das vezes é uma organização social. Infelizmente até hoje, né? É o que a gente tem visto desde sempre até hoje na história da espécie humana, é que existe sempre uma classe que domina e uma classe dominada. E aí, sobre quem você vai escrever, não é mesmo? Sobre a classe que domina sobre a classe dominada, sobre qual olhar você vai botar a câmera?

Carol Lima: Isso diz muito, até sobre a época em que a pessoa vivia. O autor, no caso.

Sidney Andrade: É claro, é, e toda distopia também vai. Vai refletir e também nos ideais, nas ideologias de quem a escreve, né? Então, a gente percebeu, por exemplo, em Jogos Vorazes, que, apesar de ser uma discussão muito interessante sobre a cultura da espetacularização da guerra, e a cultura do show, do espetáculo mesmo e a cultura de guerra misturadas dão aquela sociedade completamente disfuncional. Isso é fruto, não é? Extrato da mentalidade de uma norte-americana de um estado unidense média, né? Sim, e ela acaba caindo na teoria da ferradura, que parece isso, né?

Carol Lima: Na ferradura, assim.

Sidney Andrade: E aí, tipo, a gente percebe que é os ideais estão, é os escritores das distopias eles estão submetidos também aos seus próprios ideais e o que eles pensam. Então, por mais que ela tenha oferecido uma discussão interessante sobre um ponto de vista, ela ainda reforça outro estereótipo de pensamento político que, para algumas pessoas é bem problemático, pelo menos para mim, é a teoria da ferradura. Você venha com ela para o meu lado, eu vou dizer SAI HETERO.

Carol Lima: Mas assim é estadunidense resvalar em teoria de ferradura e propaganda anticomunista é assim, nada menos que o esperado, né?

Sidney Andrade: É.

Maysa Nascimento: Nada diferente do que já está acostumado.

Sidney Andrade: Acho que não vai ter tempo e nem condições de explicar para quem estiver ouvindo e não souber o que é a discussão sobre a teoria da ferradura. Eu sugiro que vocês procurem no YouTube o canal tese 11 da Sabrina Fernandes. Ela tem um vídeo sobre teoria da ferradura. Tem também o canal da Dimitra Vulcana, também tem um vídeo sobre teoria da ferradura, é, procure no YouTube, que vocês vão aprender aí pela voz de pessoas que estão mais inseridas na discussão política do que eu.

Carol Lima: Tudo para mim.

Sidney Andrade: Bem, não saberia explicar, embora eu entenda. E problematize bastante, mas eu não saberia explicar. Então eu deixo a dica aí para vocês. É, e qual é o problema dessa discussão. Ai, gente? Mas vamos para a nossa check list aqui. Gabriel fez aqui uma listinha dos elementos que tem que conter numa distopia, né? Que a

gente pode observar em comum, embora assim não seja uma lista fixa, mas a gente pode observar nas distopias os elementos que estão a seguir. Senhora, anote o número, estou com 2 faturas pagas. Os elementos distópicos:

Gabriel Martins: Denúncia a regimes ditatoriais e tirânicos.

Sidney Andrade: O elemento de denúncia de regimes ditatoriais e tirânicos. É interessante perceber que isso só é possível na distopia, porque a gente vê na distopia o ponto de vista do cidadão comum. Na utopia como a gente vê o ponto de vista do dominador, é claro que a gente não ia ter a denúncia de regimes ditatoriais, porque um ditador não, não declara que é ditador. Um tirano, não declara que é tirano, né? Ele, se sente no direito, é exatamente esta a questão.

Carol Lima: Que ele é perfeito e sem defeito.

Marciel Faria: O que ele tá fazendo tá super certo.

Sidney Andrade: E aí mais uma vez é interessante ressaltar que a diferença entre utopia e distopia, pelo menos do ponto de vista da literatura, né, como ela se expressa literariamente, é o ponto de vista, aí tem a quebra de ausência da liberdade. Geralmente, a gente vê os personagens das distopias com pouca ou nenhuma liberdade e a gente não fala nem liberdade do ponto de vista carcerário, né? São liberdades individuais. Mesmo assim, às vezes, até o direito de ir e vir é negado, a Katniss lá ela pode atravessar a cerca, né? Para eles, não podem caçar e tal. Tem toda uma regulamentação dos comportamentos. É você, Damares? Alô! Quem mais, Gabriel?

Gabriel Martins: Uma das coisas que mais acho interessantes são quando a distopia pega tendências ou continuidade de tendências negativas que tem na nossa sociedade hoje em dia e revertem ou ampliam ela para uma coisa, ficar absurda assim, muito, muito na cara. Geralmente são coisas que já têm que a gente já viu e que está na nossa história e foram ampliadas para estar na distopia.

Sidney Andrade: Extrapola a realidade. Isso, é um exercício básico do escritor de ficção científica, né, extrapolar a realidade de hoje e fazer um prognóstico do que ela será no futuro. O cientista lá das ciências naturais faz com base nos conceitos de ciências naturais. É claro que o escritor distopia faz isso com base em conceitos sociais. Então não é à toa que a gente, a gente nessa altura de 2020, você ouvindo aí no começo 2021 a gente se sente vivendo uma distopia. Não é porque os autores adivinharam o que acontecer, eles não eram adivinhos, não eram, é....

Carol Lima: Os Simpsons.

Sidney Andrade: É, não eram. Eles simplesmente olharam para a realidade em redor e extrapolaram aquela realidade e fizeram um exercício científico de hipotetizar se essa situação se sustentar e continuar dessa forma, eu imagino que daqui a alguns anos a sociedade estará de tal forma, né? E aí ele faz a extrapolação, na verdade, e também isso resvalando num fato muito comum é que toda distopia ela não fala do futuro. Ela fala do presente, né? É uma extrapolação do futuro no sentido de que o que é que pode acontecer se isso que está acontecendo agora, continuar a acontecer? Mas a distopia fala principalmente sobre o presente, em que ela é escrita, então é por isso que a gente tem Jogos Vorazes nos anos 2000, né? Mas a gente tem é 1984 lá nos anos 40 e a gente

vai ter Fahrenheit 451 depois, nos anos 80. Tudo é fruto da observação do próprio tempo, então a gente também pode pegar a distopia como um retrato do tempo em que ela foi escrita e de como aquele escritor e aquela ideologia que ele reproduz, percebia a realidade em seu redor naquela época.

Marciel Faria: E a gente pode pensar, então, que Black Mirror é isso? É essa extrapolação do que a gente está vivendo hoje? Porque conforme você foi falando foi me vindo.

Sidney Andrade: Aqui, eu acho que sim, sim.

Carol Lima: Com certeza. E Black Mirror é, é tão, tão distopia, para mim pelo menos, que os episódios eles têm uma escalação muito doida, porque você começa a ler num episódio, você vai descobrir um pouco mais daquele mundo... Há isso aqui é o quê? Não sei o quê, quando você começa a perceber que isso aqui não está tão legal de verdade, você já está de cabeça e o negócio já deu errado.

Sidney Andrade: E, na verdade, eu acho que Black Mirror ele funciona muito, ele opera muito no gênero distópico, porque a gente está acostumado a pensar em ficção científica como evolução tecnológica, né? Só que o que o Black Mirror faz é pensar, como é que a tecnologia afetará os comportamentos humanos quando a maioria das ficções científicas que se galgam muito na evolução tecnológica, elas meio que passam a impressão de que é a tecnologia que vai corromper o homem e sendo que depois que a gente passou de certo avanço tecnológico, principalmente no dos anos 2000 para cá, né? Que a gente tem vários avanços em tecnologias de comunicação e informação na medicina também. E passou-se a ter que pensar em como é que a ordem social vai se adaptar a presença dessas novas tecnologias que já existem. Eu acho que faz todo o sentido pensar em Black Mirror como uma ficção distópica, mas do que como ficção científica clássica. Isso é muito Black Mirror, meu. E a gente vê que em Black Mirror todo mundo só se ferra, né? Não tem nenhum final feliz. Estamos todos condenados a viver eternamente numa simulação. Mortes para sempre. Que mais, Gabriel?

Gabriel Martins: O que dá match para o próximo tópico. A falta de Esperança, que é um elemento também muito comum, histórias pessimistas com a falta de esperança.

Carol Lima: Ano passado eu morri e no e ano que vem eu vou morrer também.

Sidney Andrade: É verdade.

Carol Lima: Eu acho engraçado que essas distopias mais recentes, elas têm terminado um pouco mais otimistas do que as antigas, que as clássicas, né? Porque nas clássicas, terminava só o desgraçamento de cabeça e você fechava o livro e ficava olhando para o teto, sem saber o que que você ia fazer agora é mais, por exemplo, os Jogos Vorazes e que termina assim, cara, quando você bota do lado de um 1984 é água e vinho, sabe? De um laranja mecânica também.

Maysa Nascimento: Aham, que na verdade, se os mais antigos são feitos para aquela coisa né, você termina o livro com estresse pós-traumático porque nada fica melhor.

Sidney Andrade: O porquê vocês acham que acontece? Por que os finais das distopias atuais elas são menos trágicas?

Carol Lima: PG 13.

Maysa Nascimento: Eu acho que é. Bem, é bem, isso é muito isso. Eu digo toda, todo público-alvo de Jogos Vorazes ou Divergente, ou mesmo até as que vieram depois disso.

Carol Lima: Mas Divergente é bem chocante o final.

Sidney Andrade: Ah é? Não consegui nem terminar o primeiro.

Maysa Nascimento: Mas ainda assim eu coloco, eu coloco dentro porque, tipo assim, eles deram uma aliviada no filme de forma a tornar o livro acessível para jovens adultos e esses jovens adultos, eles não vão querer um algo tão trágico tal qual 1984, eles precisam passar primeiro disso. Criar gosto pela situação. Aí eles vão para o negócio mais profundo. Na minha concepção.

Carol Lima: Né? Eu fico meio triste porque você tá subestimando seu público, o seu leitor.

Gabriel Martins: Eu acho um pouco, tira um pouco do negócio. Assim porque, por exemplo, não é como se um adolescente de 15 anos fosse lá e não fosse entender, não fosse gostar se tivesse um filme trágico, por exemplo, quando eu tinha 15 anos, eu li Jogos Vorazes e 1984. Assim hoje, quando eu fiz a minha releitura, ano passado, de 1984, eu peguei muito mais coisas que eu outra vez, mas mesmo assim. Naquela época, eu já peguei muita coisa, então acho que se Jogos Vorazes já tivesse um final um pouco mais puxado pelo que seria um final raiz digamos, de uma distopia, não seria um coisa ruim.

Carol Lima: Sim, mas vamos lembrar que todo mundo termina fodido também.

Maysa Nascimento: Aquela coisa, 1984 foi feito para ser um livro só... Jogos Vorazes tem que deixar o gancho para você ganhar dinheiro com mais três, tá entendendo?

Sidney Andrade: Eu estou chocado. Vocês estão dizendo que os milênios inventaram a Distopia Nutella.

Maysa Nascimento: Eu já estou cancelada mesmo, entendam como quiser.

Sidney Andrade: Não, mas eu queria, então já que está discutindo isso, tem mais um ponto que não está na pauta, mas que eu quero discutir com vocês, mas antes da gente passar para esse outro ponto, esse último aspecto das distopias eu só queria perguntar então para vocês, porque isso para mim é um ponto que tem sido muito sensível para mim ultimamente, nas obras que eu assisto, pelo menos as obras distópicas que eu consumo e eu acho que é por isso que eu gostei tanto do final de 3% para a série brasileira da Netflix, 3% que é uma série distópica que a gente vai até mencionar também mais para a frente.

Carol Lima: Essa aí que eu não consigo passar do primeiro.

Sidney Andrade: Cada um tem o seu, né, Carol? O fato é que eu, eu enquanto leitor, enquanto ser humano, enquanto uma pessoa que existe nesse mundo cão, eu estou saturado de final feliz, e eu estou necessitado de esperança. E a literatura, a criação artística, ela também é esse ponto de trazer esperança para, para uma cultura, uma

sociedade. Ela, ela não precisa ou é só retratar cruamente o que é a realidade, mas ela também precisa trazer alternativas para a realidade. Ela pode no caso, né? É trazer alternativas para a realidade. E eu, enquanto pessoa saturada, de só ler notícia ruim todo dia no jornal, nas redes sociais e ver todo mundo brigando quando eu hoje em dia, assisto uma obra, ainda que distópica, que eu sei que vai, só vai ter dor e sofrimento, eu estou gostando mais de saber que o final, se não feliz, ele pelo menos é otimista, porque isso me consola um pouco mais do que é quando eu lia 1984, lá no começo dos anos 2000, que era uma realidade totalmente diferente de ler 1984 hoje em 2021. E você já está engatilhadíssimo, né? Porque a gente pensa, eram ficções futuristas e só que esse futuro chegou e a gente não percebeu. E agora a gente está vivendo essa distopia e a gente não consegue sair dela. A gente também precisa, eu pelo menos acho, enquanto cultura, enquanto sociedade, a gente precisa também imaginar futuros possíveis, e é por isso que eu acho que existe essa mudança de chavinha aí que também me agrada. Eu não estou dizendo que eu acho ruim o final desgraça de desgraçadamente mental, então eu gosto também. Porque sou masoquista, né? Literariamente falando. Mas eu gosto também de pensar que na verdade, isso é um movimento de mentalidade cultural. Que parou de se contentar com uma mera constatação de que tudo vai dar errado e passou a pensar em alternativas para que o futuro não se repita, né? Ou pelo menos, que o futuro seja um pouco pior do que está agora, porque agora está muito ruim, né?

Maysa Nascimento: É, mas eu acho que é exatamente isso, Sid, porque é um querendo ou não é um retrato do próprio tempo, porque a gente vem se você olhar para as gerações passadas. Eram em geral, ações conformadas com a própria realidade. Quem realmente lutava para ter um algo diferente eram muito poucos e que sofriam horrores para tentar mudar alguma coisa e de fato, se a gente olha para hoje, a nossa realidade é uma realidade de pessoas muito mais inquietas e que realmente vão e tentam fazer, mesmo que seja o mínimo, para que o futuro seja um pouquinho diferente, entende?

Carol Lima: Eu ia dizer isso mesmo, e é verdade Sid que você acabou de revelar que você gosta do afago da distopia Nutella?

Sidney Andrade: Gosto, gosto sim, não vou mentir. Eu gosto do docinho, no final, docinho, assim que diz assim, o mundo se acabou, mas a gente consegue se reconstruir a partir desses escombros, porque a gente também falou muito em desconstrução, né? E desconstruir é desconfortável e desagradável. Demolir um aparelho de dar trabalho e reconstruir ela também dá e a gente está no meio de, sabe, a gente está no meio de um prédio que acabou de cair, gente. A gente tem que reconstruir. Se precisa pensar em maneiras, né. Em jeitos.

Carol Lima: Eu acho que a gente tem muito da herança desse pessoal que era inconformado com o jeito que as coisas eram, do jeito que as coisas aconteciam. E lutaram e passaram essa ideia adiante, sabe? Eu acho que isso está um pouco mais entranhado na nossa forma de pensar mesmo. Como você e Maysa disseram. E existem muitos mais pessoas dispostas a fazer esse tipo de coisa hoje.

Sidney Andrade: E a gente está brincando aqui que é distopia millennial, distopia Nutella, mas de fato, é um retrato do que é e de quem escreve hoje em dia né? Quem escreve hoje em dia já tá na merda, a gente não precisa mais adivinhas como é que vai

ser a merda. A gente tem que adivinhar como é que a gente pode resolver, sair da merda.

Carol Lima: A merda a gente já tem, está bem?

Sidney Andrade: Tem exatamente. Só um último aspecto aqui das distopias, pelo menos das clássicas. E eu acho que esse aspecto vai ser até um pouco contraditório com o que a gente, acabou de discutir que é o fato de que nas distopias clássicas o foco é sempre em um personagem que se rebela contra o sistema e é sempre focado no indivíduo também. Eu percebo muito isso. Eu tive uma disciplina sobre distopias no meu mestrado e li um artigo sobre isso que as distopias clássicas elas operam muito com a noção de que existe um sistema opressor estabelecido e intransponível. Mas sempre vai existir um sujeito que se rebela contra esse sistema. A gente vai acompanhar a saga desse sujeito. Individual, só e sozinho, porque a sociedade ela não adere em massa, né? São pessoas individuais que se rebelam e por isso, e é também talvez por isso as distopias clássicas estejam mais fadadas a tragédia e, ao final, é pessimista porque é claro que o indivíduo só não dá conta de mudar um sistema governamental, um sistema ditatorial inteiro e talvez isso seja também um ponto de vista que esteja mudando na nas distopias mais atuais? Porque, por exemplo, em Jogos Vorazes e em 3% o foco não é em um personagem, embora a gente tenha a protagonista em Jogos Vorazes que é a Katniss, mas a gente percebe, acompanha como é que um grupo se organiza para derrubar o regime lá da capital. Em 3% não existe um protagonista, são vários protagonistas que se juntam. Pelos motivos mais diversos, mas que também conseguem derrubar esse sistema aí opressor e eu acho que essa é a grande diferença. Se a gente for também analisar, né? A partir desse viés que é agora a gente está talvez começando a entender que a mudança tem que ser individual, mas para mudar um sistema inteiro é preciso um coletivo, não um sujeito só não dá conta.

Carol Lima: Com certeza.

Sidney Andrade: Porque em 1984, admirável mundo novo, Fahrenheit... tudo é sobre o ponto de vista de um sujeito só, que de repente, ele desperta para o que ele está passando e ele quer sair dali de sabe, aqui o mito de Platão da caverna, ele percebe que está na caverna, ele tenta sair e é claro que ele não vai sair sozinho. Ele não vai conseguir sair sozinho da caverna, mas isso são conjecturas.

Marciel Faria: É, vocês foram falando. Eu fiquei pensando um pouco na pauta que eu vou apresentar do terror japonês daqui uns meses. #vemaí porque eu fiquei pensando, o que leva a gente a buscar uma distopia agora, da mesma forma que leva a gente a buscar um filme de terror? O que que a gente quer? O que a gente quer satisfazer dentro da gente? O que que está acontecendo e o quanto que agora está falando de distopias? E a gente está falando de young adult, a gente tá trazendo pra uma outra geração. O que que é que uma outra geração está buscando? Eu acho que é esse sentimento de desesperança, talvez com uma pitadinha de lá no fundo, a coisa pode dar certo.

Carol Lima: Acho que quando a gente procura distopia que a gente quer é primeiramente acordar, né? Esse sentimento do sair da caverna justamente do mito da caverna? De você despertar para as coisas que estão ao seu redor é de como as máquinas funcionam de como é você faz parte daquele sistema e o que é que você pode

fazer, não é para sair disso. E as distopias elas servem muito para isso, né? E por isso que Sid bem falou que elas falam sobre a época de onde elas vieram, apesar de retratar em um futuro o que pode ser próximo ou não, porque é muito sobre o que acontece, tá, fique de olho aí, e vou lhe dar aqui um pouco de esperança para ver se você consegue lidar com isso.

Sidney Andrade: E se você desperta para isso, é. Se a fagulha...

Carol Lima: Exatamente. Katniss, corre aqui menina!

(VINHETA DE TRANSIÇÃO)

### 3. Um prelúdio à 1984

Sidney Andrade: Bom, agora vamos aqui para falar mais especificamente sobre algumas obras. Nessa primeira etapa das obras, a gente vai falar sobre obras mais antigas, mais clássicas, obras de antes de 1949 já faz 84 anos, mas vamos aí, inclusive algumas obras listadas aqui você pode até conhecer, mas nunca parou para pensar que era um distopias, assim como eu. Quando eu olhei aqui na pauta e realmente. Eu li, eu li como ficção científica comum, clássica, mas é uma ficção distópica. Né, parando para pensar... Fiquei bem curioso. Será que você vai ficar também ouvinte? Então vamos a lista e aí eu vou comentando os títulos e vocês vão comentando se vocês já leram, se vocês conhecem, o que vocês acham... Em primeiro lugar aqui nós temos quem? é ele. O nosso titio H.G. Wells com a sua A Máquina do Tempo, é um livro muito clássico da ficção científica, fala de uma viagem... que o homem criou uma máquina que ele viaja para um futuro muito, muito distante, inclusive milênios, né? A distância que ele viaja e tal, e é uma das primeiras obras de viagem no tempo que a gente tem consciência, sim, claro que não é a primeira. Eu acho que se eu não me engano, a primeira foi inclusive escrita é por uma mulher. A primeira obra de ficção científica com viagem no tempo. E aí a gente fica pagando pau para esses. É o europeu branco. Aí era uma mulher, era uma mulher, inclusive africana.

Carol Lima: O apagamento, não é?

Sidney Andrade: Se não me engano, da Índia de algum lugar ali entre África e Ásia. Mas né, temos H.G. Wells aqui com sua máquina do tempo. Ele criou a máquina do tempo. Ele viaja para muito no futuro e conhece essa sociedade que é dividida em 2 núcleos, né? Que são os Elói e os Morlocks. E os Morlocks são um grupo de X-Men meio renegados assim, né? E eu acho que tem inspiração na obra do H.G. Wells.

Carol Lima: Eles não vivem no esgoto também?

Sidney Andrade: Sim, exatamente é inspiração, né? No conceito do H.G. Wells os Morlocks viviam no subterrâneo nesse futuro muito longo. É um é tipo assim, é 2000 anos depois de quando o cara lá fez a máquina ou é 3000, sei lá, é milênios depois o mundo, inclusive, está até voltou a ser, sei lá, como é que eu diria? Arborizado, né



menos industrializado. Rola todo um ciclo aí de urbanização e desurbanização ao longo dos milênios nessa obra de H. G. Wells e aí o personagem percebe, o cientista lá, que a sociedade está dividida. Os Morlocks eles é, cuidam da infraestrutura dos Elói, que vivem na superfície. Os Elóis são tudo, é... E aqui é gente raiz e gente Nutella mesmo, né? Que os Morlocks só comem frutinha, pega no pé, não fala muito direito. (Os Elói) são todos meio frágeis, muito fragilizados, porque eles têm tudo na mão, e os Morlocks estão lá fazendo tudo acontecer, só que eles são canibais. Eles comem os Elói, e aí tem toda uma discussão de classes, não é? Entre a classe trabalhadora e a classe...

Gabriel Martins: Eu acho interessante que esse livro ele veio para criticar o capitalismo mesmo que, por exemplo, os Morlocks não tinha nenhuma condição de trabalho. Eram escravizados mesmo. E os Elói seria tipo uma metáfora para os burgueses e tal da época de 1149. E os Morlocks seria o proletariado mesmo que será subjugado e forçado a trabalhar nas piores condições possíveis.

Sidney Andrade: É, eu gosto da discussão, só que no livro, o protagonista tem que fugir dos Morlocks, porque eles são meio que monstruosos, ao contrário dos Elói que são bem antropomórficos e acolhedores, e acolhem ele e tal. E eles são meio que os vilões. Assim, na perspectiva do lado do personagem, aí eu fiquei ué gente? Se os Morlock tudo produzem aos Morlock tudo pertence. Enfim, deixa pra lá. Mas se você não leu A Máquina do Tempo leia. O H.G. Wells é, apesar de ser um branco europeu tem umas coisas legais. Eu indico, inclusive também um outro conto dele, chamado A Terra dos Cegos, que é muito interessante porque também um explorador cai numa sociedade bem remota, ele tá meio que fazendo um tipo de montanhismo, esse povo que é aventureira que vai pras montanhas, sabe isso. E aí ele se perde e cai num lugar inalcançável que nunca ninguém chegou e descobre que lá, nessa sociedade, todo mundo é cego, ninguém nunca enxergou e é muito interessante como ele, o vidente que chega lá ele vai ser rechaçado por essa sociedade, porque eles o tratam como uma aberração. Por ninguém viu uma pessoa enxergar, dizem que ele é louco, né? Eles, eles o tratam como louco, porque eles não sabem o que é enxergar e, portanto, o que ele fala não faz sentido. É bem interessante para uma pessoa que escreveu no Século XIX, está muito mais consciente...

Carol Lima: Atual, não é?

Sidney Andrade: Atual, ele parou para pensar numa dinâmica em que uma sociedade é toda regidas sem a visão, uma sociedade possível organizada, não é como se todo mundo ficasse cego, o mundo fosse acabar. Sabe como certos autores? Que faz certas séries da Apple TV +, enfim.

Maysa Nascimento: Fica aí o *shade*.

Carol Lima: Tá escutando Saramago?

Sidney Andrade: Próxima obra, Gabriel.

Gabriel Martins: Nós temos uma muito interessante que eu quis botar aqui que é Nós da Ievguêni Zamiátin, de 1924. Eu achei interessante notar que, por exemplo, assim as pessoas gostam de botar muito o George Orwell como se fosse o pai da... Ele teve muita importância, mas ele também teve muita inspiração em outra obra que veio antes que foi essa.

Sidney Andrade: Nós. “Nós” é do pronome tá a gente. Como eu, tu, ele, nós...

Gabriel Martins: Esse livro traz uma sociedade que ela acredita que foi o livre arbítrio que foi o responsável por causar a infelicidade das pessoas. Então o que que ele faz, tem uma figura de um poder máximo que vigia as pessoas, que no caso seria o benfeitor. Só que, como eu livro muito antigo, bem antes de 1984, com a ideia de câmeras de TV e tal, como é que acontecia? Todas as pessoas moravam em apartamentos que eram totalmente de vidro, então a polícia podia observar toda a casa das pessoas, porque eles estavam sem paredes, praticamente e daí tem a polícia também que são Os Guardiões da Revolução que que é uma casta de policiais para fazer a vigilância das pessoas.

Sidney Andrade: É outro elemento muito comum na distopia, é a vigilância constante, né? Os sujeitos subjugados, estão sendo constantemente vigiados e gente, aí eu vou citar... Eu sei que é um meme mas eu vou ter que citar Foucault. Citei Foucault no episódio de Estação. Esse conceito da vigilância, de vigiar é foucaultiano. O Foucault era o que, era sociólogo? Eu esqueci que ele era. Ele falava de tudo, era professor universitário e ele cunhou o conceito de vigiar e punir, né? O livro dele é Vigiar e Punir e também tem um conceito que ele desenvolve enquanto metáfora para essa sociedade da vigilância que é o Panóptico. Vocês já ouviram falar do Panóptico, que ele vai, ele vai organizar toda uma metáfora para falar, como é que as sociedades do tempo dele e até hoje são organizadas todas em torno da vigilância dos sujeitos de não só os governos vigiarem os sujeitos, mas como os sistemas governamentais, eles engendram um sistema que faz com que os sujeitos vigiem uns aos outros.

Marciel Faria: E isso instala um clima de paranoia também que é bem desagradável da gente se imaginar vivendo.

Maysa Nascimento: Tem um nome pra vizinha fofoqueira, é isso?

Carol Lima: Eu queria dizer só uma palavra para vocês: Twitter.

Sidney Andrade: Foucault que ele explicou tudo lá. Cuidado com o vigiar e punir.

Gabriel Martins: Que aconteceu? Esse livro foi baseado seu nome, não tenho certeza agora, mas eu acho que o autor era da Rússia ou de família russa. Daí ele baseou os eventos do livro em eventos presenciados pelo ator durante a revolução russa de 1905 e 1917. Só que ele ficou muito marcado, ficou tipo na cara que era sobre a revolução russa. E daí na época que ele publicou, em 1920, na União Soviética, foi censurado esse livro. E ele sai nos Estados Unidos só em 1924, e esse livro só foi conseguir ser comercializado no país do autor em 1988, quase 60 anos depois.

Sidney Andrade: Era uma ditadura que se vivia lá na Rússia comunista também. Bom você colocou aqui na lista também A Revolução dos Bichos, que também é do George Orwell. O autor de 1984 é porque ela é anterior a 1984, né? Mas se encara como distopia, os animais se rebelam?

Gabriel Martins: Sim, é. Seria quase que um prelúdio as obras distópicas? Seria como se fosse ideias plantadas que virariam ao que a gente conhece como distopia mesmo. Um exercício de pensamento...

Carol Lima: Uma protodistopia.

Gabriel Martins: E o que que é? É sobre uma fazenda, é como se fosse uma fábula satírica de uma fazenda onde os animais tentam se rebelar contra os humanos, porque não querem mais servir os humanos. Só que quem lidera essa revolução são os porcos e que os bancos fazem? Eles tomam o lugar dos humanos e fazem a mesma coisa que os humanos faziam. Eles têm a frase “todo mundo é igual, mas alguns mais iguais que outros”.

Sidney Andrade: Essa frase célebre.

Gabriel Martins: Eles conseguem enganar os outros animais da fazenda para eles acreditarem que eles estão num lugar melhor, que antes era muito pior e que os humanos eram horríveis e que o regime deles é maravilhoso. E que eles não fazem nada que era igual ao outro, porque eles estão mudam os nomes das coisas, mudam as os direcionamentos, mas eles fazem a mesma coisa que os humanos faziam. Até que no final eles começam a usar roupa como humanos. Eles começam a morar na casa dos fazendeiros, exatamente como era antes, e tentam censurar qualquer um que critica o regime deles e também esse livro foi uma crítica ao governo de Stálin e a ideologia de regime socialista no início da União Soviética.

Carol Lima: É, é, durante a obra dele quase toda assim, ele foi um grande crítico, do regime stalinista, mas é infelizmente a galera fica pegando para fazer propaganda anticomunista mesmo, esquecendo de todo o resto que ele acreditava.

Sidney Andrade: É porque o pessoal é, confunde com criticar o regime stalinista, que foi ditatorial, como criticar o comunismo em si, enquanto ideologia, né? É o que acaba acontecendo hoje em dia, que porque aí também a crítica é muito como assim aos comunistas eram ditadores e de Stalin, logo, comunismo não presta, como se não existissem ditadores no capitalismo, entendeu? Como se o capitalismo não gerasse também é seus ditadores.

Carol Lima: Sim, e ele era muito envolvido com política socialista o Orwell.

Sidney Andrade: Ele era socialista. Ele, se afirmava também socialista, sim, só não comunista, né? Pelo que eu entendo, né? Porque existe uma diferença entre você se declarar socialista e se declarar comunista. De novo, o Tese 11, canal da Sabrina, ela explica qual a diferença entre socialismo e comunismo. Tem diferença, enfim, não confundam, né? Não confundam criticar o regime stalinista, que foi um regime ditatorial de um governo comunista, com o comunismo igual a ditadura, porque não é a equivalência, não é a mesma, né? É, a gente tem exemplos de regimes ditatoriais do capitalismo também vide, né, o famoso Hitler na Alemanha nazista. Eu fico até assim nervoso, eu fico me tremendo quando eu penso que tem gente que fala que Hitler era de esquerda, então alguém tem mais algo a acrescentar aqui?

Marciel Faria: Então é, eu fiquei até um pouco besta, porque eu não tinha parado pra pensar que a revolução dos bichos entraria como uma distopia. Mas eu gostei muito do que a Carol falou, é uma protodistopia. A gente vê a coisa acontecendo, eu não sei vocês, mas quando eu li pela primeira vez, no começo, é uma leitura tão despreziosa e é tão gostosinho e você vai vendo o caos se formando aos poucos. Quando a gente percebe que é uma analogia já é tarde demais.

Sidney Andrade: E é interessante né? Eu não vou saber falar as equivalências mais cada espécie, cada animal na obra, equivale a um grupo social. O Orwell faz essa equivalência. Os cavalos, os ratos, as ovelhas... Acho que na própria edição, no próprio livro é, em algumas edições existe essa explicação.

Gabriel Martins: E o livro agora ele mudou de nome, né? Ele voltou a ser publicado no nome original no caso, A Fazenda dos Animais.

Carol Lima: Animal Farm

Gabriel Martins: Nos prelúdios mais recentes, tem introdução sobre isso. Ele fala bastante. A nova edição do 1984 também que a gente vai falar depois, também é muito boa, tem muito, muito texto de apoio no início.

## 4. Os quatro pilares das Distopias Clássicas

Sidney Andrade: Bom, vamos aqui adiantar um pouco no tempo, não é prezados? Vamos nos 4 pilares das distopias clássicas anote o número aí, Senhora, se você nunca leu provavelmente você já ouviu falar deles, sim, a gente já até mencionou alguns aqui.

Carol Lima: Anote.

Sidney Andrade: O primeiro está na lista aqui é o Admirável Mundo Novo do Aldous Huxley que foi publicado em 1932, quem quer falar do Admirável Mundo Novo? Você quer dar um resumo, Gabriel?

Gabriel Martins: Admirável Mundo Novo é uma população... tipo, se passa no futuro e é bem focado em biologia e em avanços tecnológicos da genética. E eles têm toda o negócio de reprodução e manipulação genética para criar vários tipos de indivíduo. Assim, o perfeito de indivíduo para cada função que ele vai exercer na sociedade e como eles fazem para controlar as pessoas e também os desejos e qualquer coisa humana, no caso, a retirada dessas pessoas e eles são condicionados com um tipo de remédio, que é o soma. Eles têm que tomar todo dia que é para deixar eles mais, assim, aceitáveis para aceitar tudo o que acontece com eles.

Carol Lima: eles ficam mais...

Sidney Andrade: dóceis.

Carol Lima: Sim, e é legal lembrar também que em Admirável Mundo Novo, as pessoas não nascem de reprodução sexual. É tudo bebê de proveta porque é justamente você vai nascer com a capacidade intelectual pra fazer aquilo que é determinado na sua casta.

Sidney Andrade: Isso, é determinado no seu, na sua incubadora, não é?

Gabriel Martins: Como por exemplo, pessoas que vão exercer trabalhos manuais, eles são desenvolvidos para ter um porte grande, todo específico para exercer aquela função. Também uma coisa interessante que eu anotei nessa leitura é que eles produzem 3 tipos, digamos, de seres humanos, os masculinos femininos e os neutros.

E por que os neutros? Eles deixam como se fosse, que não seria necessária essa pessoa ter gênero na função que ela exerce na sociedade.

Sidney Andrade: Até porque não existe função reprodutiva na sociedade, também essa divisão não faz sentido, não é?

Gabriel Martins: E esse papel masculino e feminino seria só para os papéis de gênero que acabam perpetuando mesmo não tendo o papel sexual.

Carol Lima: O que é engraçado, né? Porque eu lembro que é uma coisa que me chocou muito quando eu estava lendo Admirável Mundo Novo, que eu era bem novinha, era que fazia parte da educação das pessoas na infância, tinham jogos sexuais que faziam lá e era de negócio educativo. E quando crescia, esquecia-se isso.

Sidney Andrade: É, e até assim meio que tabu você não se relacionar sexualmente com muitos indivíduos é, é todo invertido, né? Se você ficar muito tempo com uma pessoa só, as pessoas já acham estranho porque não faz sentido você se juntar. Se não tem o fim reprodutivo e o fim da herança, né? Porque ninguém nasce de ninguém nesse mundo não existe essa preocupação com a hereditariedade. Aí todo mundo pega todo mundo, se você não pega você, tá esquisita, tem alguma coisa errada com você. Aí mandam você tomar o soma que é para você ficar calminho, né? Ai, se você não quer passar um sofrimento, uma necessidade, uma privação, um nervoso e já tem uns soma. O soma, inclusive, ela é tão preponderante que ele é distribuído pelo governo, né? Ninguém paga pelo soma. Você tem a sua quota de soma porque é importante para o controle social. Eu gosto do Admirável Mundo Novo, porque ele tem toda a cara do que a gente falou, de que parece um mundo ideal, um mundo onde as pessoas não brigam, está todo mundo em ordem, tudo é feito, é pacificamente, não é? Mas é porque é até certo nível...

Carol Lima: Tá todo mundo controlado.

Sidney Andrade: É a sociedade utópica. Ideal, né? Todo mundo em paz e harmonia é fazendo a sua parte ali. Mas até quando chega um certo ponto, você percebe, é porque a gente estava vendo do ponto de vista desse pessoal aqui, se a gente sair daqui, foi pra outro canto. A gente vê que o buraco é mais embaixo, entendeu? E aí que se percebe, né? Claramente no Admirável Mundo Novo que a questão tá no ponto de vista de quem é contada a história faz toda a diferença pra você encarar como utópico ou distópico.

Carol Lima: E é uma rodada de mesa muito brusca que você tem.

Sidney Andrade: Aí é muito bom. Eu amo esse livro.

Maysa Nascimento: Um tempo atrás, eu vi um filme que parece muito, né inspirado. O filme é de 3 anos atrás, chama o contador de histórias em que mostra muita essa sociedade controlada, esse controle de natalidade, mas eles não focam tanto na questão de reprodução, é muito sobre melhoramento genético.

Sidney Andrade: É engraçado que em Admirável Mundo Novo tem um pior amento genético. Porque se você quer fazer um indivíduo que vai trabalhar de sei lá, de ascensorista (de elevador) você não quer um ser humano top, você quer só um ser humano medíocre, biologicamente falando, e aí, isso aí é um pensamento inclusive, bastante capacitista.

Carol Lima: Pra caralho.

Sidney Andrade: Daí eles no lá no, na gestação in vitro, eles botam os elementos químicos que vão fazer com que aquele indivíduo que está destinada àquela casta seja biologicamente adequado entre aspas para aquela casta, então, às vezes melhoram para os cargos de chefia, eles botam os negócios que aumentam os neurônios, cérebro e tal e para quem vai pro chão da fábrica, eles não se incomodam, bota mais força física, bota uns álcool lá para diminuir o desenvolvimento do cérebro etc. E é tudo assim, bem pavoroso. É uma descrição muito minuciosa que o Aldous faz no começo né.

Carol Lima: É quase científico né, ele tem toda uma dissertação sobre quanto tempo o espermatozoide vai viver fora do corpo para poder fazer um bebê de proveta. É muito, muito técnico o texto dele.

Sidney Andrade: Uma aula e ao mesmo tempo que a gente está acompanhando, acompanhando isso com ele, dando aula para pessoas, para pessoas mais jovens, né? Assim, eu não sei se são crianças, mas são aprendizes, né? Bom, Admirável Mundo Novo. Não sei se vocês sabem, mas ele virou uma série agora em 2020. Só que a série já flopou, já foi cancelada, você nem ouviu falar porque ela foi lançada pelo serviço de streaming chamado Peacock, que não tem no Brasil tá meninas, não tem no Brasil, mas você quiser procurar aí nos torrents da vida. A série é Brave New World. Ela adapta o livro, né? Tem uma temporada só cancelada em 2020, tadinha.

Carol Lima: I don't know her.

Sidney Andrade: Tem filme também, né? Do Admirável Mundo Novo clássico e tem várias releituras também, porque é um conceito muito revisitado na ficção científica. Procure saber, bom, vamos ao próximo pilar, não é mesmo? Dos clássicos que chegamos a ele, finalmente, 1984 do George Orwell é o grande, talvez eu diria dos 4 mais famosos, nome de obra de ficção distópica. O título 1984 ele é ousado, né, adivinhar um futuro do ano de 1984, né, que já faz 84 anos..., mas ele foi escrito em 1948. Ele só inverteu os algarismos aí, tá? E imaginou como seria dali aqueles anos. E aí Gabriel, faz aí o resumo de 1984 se é que alguém não sabe.

Gabriel Martins: Ele se passa num mundo onde tem 3 países praticamente que é a Oceania, Eurásia e Lestásia. E cada um desses países é governado por um partido e o da Oceania que seria o do protagonista é o partido INGSOC que seria socialismo em inglês a junção das palavras. Esses 3 países estão em eterna guerra e por que é da guerra? Por que eles precisavam que se mantivesse a prática de mercadoria e a mão de obra e como fazer isso sem fazer as pessoas enriquecer? O que eles faziam? A guerra ininterrupta, eles produzem, produzem e destroem as coisas na guerra. Porque precisa ter esse clima de guerra constante para ser um elemento do controle e se não tiver a guerra constante, por que que as pessoas vão, vai despertar pensamentos diferentes das pessoas.

Carol Lima: E não só a produção sem gerar o enriquecimento, mas pra gerar o amor ao partido, que eles querem que justamente a pessoa só tenha lealdade ao partido, viva para o partido e só produza para o partido.

Gabriel Martins: Nós temos também o elemento da vigilância constante, na figura do grande irmão, que seria o líder do partido. Na verdade, ele não é uma pessoa específica, é uma figura, serve para vigiar todo mundo. Então está estampa da cara dele em todos os lugares e tem as câmeras nas televisões, no caso. Que o pensamento do George Orwell na época, foi em vez de só receber as imagens essas teletelas elas enviavam imagens também, então todos os lugares tinham televisão e a televisão te filmava e mostrava as coisas que ela queria.

Sidney Andrade: Você não tem como escapar, porque todo lugar tem Câmera o Big Brother, não é? O grande irmão está sempre te espiando, te vigiando.

Carol Lima: É, eles não desligavam, quando não era propaganda, era o que eles queriam que você visse. Ou seja, você estava sempre consumindo a propaganda do partido.

Sidney Andrade: Tem os 2 minutos de ódio que é um horário do dia que todo mundo para pra odiar o pessoal do outro partido que está em guerra, né?

Carol Lima: Todo mundo para entrar no Twitter. Exato.

Gabriel Martins: Que um sentimento natural do ser humano é a raiva. Então eles precisavam controlar até isso, então, para isso que tinha uns minutos de ódio, que é todo dia e tem também um evento que é a semana do ódio, que acontece de tempos em tempos para organizar um mega minutos de ódio só que uma semana inteira pro povo destilar ódio para uma figura específica que eles pegam ou os países que estão em guerra, ou a figura do que seria, não lembro o nome dele agora, mas é a figura da rebelião ou do rebelde principal no caso.

Sidney Andrade: Bom, mas também um outro conceito muito clássico desse livro é a polícia do pensamento e a novilíngua, não sei como ficou na tradução nova, que é o fato de que esse regime governamental, ele também polícia o que você pensa e como você fala e ele está constantemente revendo vocabulário para que você não tenha palavras para descrever o que sente ou o que você pensa, porque sem vocabulário você não pode se expressar, expressar seu pensamento. Então, se não existe um nome para a corrupção, você não pode falar de corrupção porque a palavra não existe.

Gabriel Martins: Essa parte da novafala que eu reli agora esse ano, eu surtei muito por causa que a primeira vez que eu li, eu estava no ensino médio, agora eu faço letras, então essa parte de linguística pegou muito forte para mim, porque eu achei um conceito muito interessante, de abolir o pensamento crítico, por exemplo que, se não existe a palavra mal, tu não pode pensar em uma coisa maligna, por isso que ele só fala 'bom' ou 'disbom' como se fosse o oposto de bom, mas o mal não existe pra você ao ter o pensamento não conseguir expressar a palavra mal, porque não pode pensar em coisas ruins, no caso.

Sidney Andrade: Pra você também não ter armas para criticar o próprio regime, não é? Então se você não tem uma palavra para descrever o que é mau, você não tem mecanismos de conceber e estruturar o que é mau na sua cabeça e, portanto, você não consegue falar sobre isso, então, mesmo que você acha ou sinta que a sua vida é ruim, você não tem palavras para descrever que a sua vida é ruim porque só existe o conceito de bom.

Carol Lima: É exato, você não conhece o conceito.

Marciel Faria: E em psicanálise, isso também é muito relevante, porque eu fiquei pensando que se você não conhece a ideia de rebelião, em que você sente um desejo de rebelião, você não consegue fomentar isso você não consegue planejar isso.

Sidney Andrade: Os lacanianos pira, né, Marciel.

Carol Lima: Mas o que eu acho que é um conceito bem interessante, até para a conjuntura atual que a gente vive é o do duplipensamento. Que tem uns uns ministérios meio estranhos, aqui que tão Rolando no país... e não tem como não pensar.

Sidney Andrade: Sim, outro conceito mais clássico é o do duplipensamento, que é o que o que a gente vê hoje em dia é que duas ideias completamente opostas e que se anulam uma outras elas são completamente concebíveis na cabeça dessas pessoas porque é contida nelas esse duplipensar, né? Que é, você pensar que o Ministério da Paz é o que mantém a guerra, né.

Gabriel Martins: O Ministério da Verdade faz a fake news.

Sidney Andrade: É o que falsifica a história, o Ministério da falsificação histórica e tal. E tem os mandamentos né? Guerra é paz.

Gabriel Martins: Liberdade é escravidão, ignorância é força.

Sidney Andrade: Pois é.

Carol Lima: Damares é ministra da família.

Sidney Andrade: Exato, tem um Ministério da família, tem um Ministério da saúde...

Carol Lima: Não tem como não pensar vivendo no Brasil em 2020 né...

Maysa Nascimento: Sim, você faz um paralelo direto.

Sidney Andrade: A gente não, só pensando nos governantes, mas nas próprias pessoas que perpetuam essas ideologias com esse negacionismo científico, né? Como é que você usa o GPS e você afirma que a Terra é plana, sendo que pra um GPS funcionar a Terra precisa ser esférica, necessariamente. Hoje a gente chama de dissonância cognitiva, né? Um conceito mais moderno que é você ter na sua cabeça dois conceitos completamente opostos e que se anulam um ao outro e você aceitar ambos como se fosse normal, né? Tipo assim, eu queria ter exemplos mais ilustrativos, mas não consigo pensar em nenhum agora.

Carol Lima: Porque sua mente funciona direito.

Sidney Andrade: E nesse aqui, ao contrário de Admirável Mundo Novo, é proibido o amor tem um Ministério do Amor, inclusive, que o Ministério proíbe que todo mundo de transar.

Maysa Nascimento: que pira é essa com essas obras que tudo tem que limitar, você não pode. Acho que as pessoas têm essa coisa com o sexo, né? Por que não é possível...



Carol Lima: Mas amiga, a primeira coisa que o conservador quer fazer é inibir o sexo, a liberdade sexual.

Sidney Andrade: Porque tudo se resume ao biopoder, ao controle dos corpos... Você não pode ter seres humanos controlados se os corpos deles forem livres, então você oprimi-los, inclusive sexualmente, ou seja, você embute na cabeça dos sujeitos que eles não podem dispor do próprio corpo também é uma forma de controle social, então é por isso que todo o regime é ditatorial ele é necessariamente conservador e Caxias no sentido do sexo, porque uma pessoa sexualmente livre é uma pessoa que está menos propensa a se encaixar no molde do pensamento ideológico e ditatorial porque ela experimenta uma liberdade com o corpo, então a primeira é a liberdade que a gente tira a liberdade do corpo para passar para tirar a liberdade do pensamento, né? A gente também não pode esquecer que os sujeitos, eles não são só mentes, né? Eles são corpos também, e é preciso também controlar os corpos e através do, do controle do sexo que isso acontece não é à toa que todo o governo mais ditatorial, ele é extremamente Caxias e moralista no sentido do sexo. Não pode falar em nada de sexo e tal que tudo é um grande escândalo, porque é a liberdade sexual. É. É um tipo de liberdade que não pode ser tolerada, porque um ser humano que dispõe do próprio corpo, ele fica menos sujeito a dominação da ideologia.

Marciel Faria: Mas eu acho que o que é mais aflitivo para mim é porque eu vejo esse fazer, esse agir quase que posterior. Eles tentam agir antes disso. Você não pode desejar. Você não pode querer o que você quer. Você tem que querer o que você não quer. E eu acho que isso que é mais assustador porque a gente não consegue controlar o que está dentro da nossa cabeça e eles querem entrar dentro disso daí.

Sidney Andrade: E é por isso que a gente está tudo lascado da cabeça não é Marciel, porque está todo mundo dizendo que a gente não pode desejar, aí a gente deseja, porque é natural do ser humano desejar e tem toda uma moralidade aí que quer nos controlar, dizendo que a gente não pode desejar. Aí a gente entra em curto-circuito.

Gabriel Martins: Outra coisa que eu acho interessante desse livro que eu lembrei agora é o Goldstein, que é o rebelde que tudo ele... O partido, no caso, planeja todos os aspectos da sociedade, até inclusive a Rebelião. Eles criam a figura do Goldstein como se fosse o rebelde e o protagonista, ele acaba se enganando, ele entra pra rebelião e tentar formar todo o negócio lá. Só que depois ele descobre que a rebelião faz parte, foi criada como um elemento da sociedade.

Sidney Andrade: É porque é preciso do inimigo, não é?

Carol Lima: É o famoso bate?

Sidney Andrade: É, é a mesma lógica de estar em constante guerra. Você precisa alimentar no ideal, um inimigo constante a ser eliminado. Se não as pessoas não aderem também, né? Essa figura do inimigo a ser combatido também provoca paixões nas pessoas para que elas sejam mais aderentes ao seu domínio. É por isso também que em regimes muito conservadores existe sempre a figura do mal maior, e essa figura hoje está muito calcada nesses inimigos imaginários que é a pedofilia, a corrupção.

Carol Lima: Mamadeira de piroca, o kit gay...

Sidney Andrade: Tipo assim, é claro, ninguém é a favor da pedofilia. É até óbvio afirmar, mas você, quando você cria, você fala desses inimigos banais assim que é de senso comum, você está afirmando sua posição diante de um inimigo conhecido. Essa posição de criar sempre esse inimigo e sustentar a figura do inimigo é o que sustenta a figura do Herói que vai combatê-lo. Nossa, só bad vibes. 1984 também poderia se chamar 2020 claramente.

Sidney Andrade: Próximo, pilar dos 4 pilares que Gabriel trouxe aqui é o Fahrenheit 451 do Ray Bradbury. Eu amo. Muito legal, todas as obras do rei, elas são magníficas, mas a mais famosa é Fahrenheit 451, a obra na qual num futuro muito distante, não existem mais. Bom, existem só que os bombeiros (olha o duplipensar aí, né?) os bombeiros estão lá para queimar e eles vão queimar o que? Queimas livros porque nessa sociedade é proibido livro, você não pode ler livros, é um crime. Num futuro em que todas as casas são à prova de fogo, né? Então não existe mais necessidade de bombeiros e os bombeiros ganharam nessa nova função aí que é de queimar os livros onde quer que eles sejam encontrados e esse é o modo de controle que o Ray Bradbury crítica na obra dele, que é o controle do conhecimento, né? Então ele ao controlar a população também passa por você controlar o que ela sabe e o que ela pode saber e os livros aqui são vistos como os grandes inimigos da nação, né. Porque eles incitam ideias ruins nas pessoas.

Maysa Nascimento: Esse tudo começou quando eles aumentaram a taxa dos livros.

Sidney Andrade: O imposto né sobre o livro.

Maysa Nascimento: Imposto sobre o livro começou aí.

Sidney Andrade: E o curioso nesse, nessa obra do Ray, é que, além da proibição dos livros, existe a uma idealização da TV, da televisão, e eu acho que é nesse campo como é, mas de que ano é o Fahrenheit 451?

Gabriel Martins: 53

Sidney Andrade: Então não tínhamos muito, muito prognóstico de tecnologias de telas. A não ser a TV. E aí ele imagina que nas casas existem uma sala com 4 paredes de TV, né? E aí todo mundo fica imerso naquelas telas, e é a TV que aliena a população e aí agora hoje eu faço um paralelo com o que a gente já falou aqui é do próprio Black Mirror, né? Que o Black Mirror talvez também faça essa crítica das telas, só que com as telas que a gente conhece hoje, né? Que são os computadores e celulares.

Carol Lima: Com certeza, isso. Uma coisa que eu acho muito interessante, né, que é o jornal do Fahrenheit, que é um jornal só com imagens, não pode ter palavras.

Sidney Andrade: Palavras são perigosas, isso é uma crítica muito pontual ao fato de que... É também uma das primeiras atitudes que qualquer regime ditatorial vai tomar. É, é proibir que as pessoas tenham pensamento próprio. Tanto é que em ditaduras, a primeira coisa que cai é a educação, né? Porque indivíduos bem-educados e com o pensamento livre, eles também não se dobram ao domínio de uma ditadura tão facilmente. Então eles têm que manter o seu povo oprimido sem saber que está sendo oprimido e sem poder ter acesso ao conhecimento que o liberte Paulo Freire corre aqui.

Gabriel Martins: E, assim como o livro anterior, tem uma parte de apagamento da história da história passada porque além de queimar livros ficcionais, vai queimar livros históricos também e é uma forma de controle também, assim como de você...

Sidney Andrade: A história só é contada por quem tem interesse no que pode ou não ser contado, não é mesmo? Liberdade de expressão para quê? Hoje em dia a gente tem meio que uma distorção da liberdade de expressão, que é o pessoal, confunde com aval para falar as maiores atrocidades, né?

Carol Lima: Sim, o pessoal confunde com falar o que quiser, sem receber...

Sidney Andrade: Se se responsabilizar.

Carol Lima: É se responsabilizar, obrigada.

Sidney Andrade: Ai, triste. Fahrenheit 451 tá mais perto que a gente imagina, mas eu acho final muito bonitinho. Eu não sei se eu dou esse spoiler, né? Mas é um final ao contrário dessas outras que a gente está falando é um final esperançoso assim, não é esperançoso, mas é um final...

Carol Lima: É menos podre né, assim.

Sidney Andrade: É muito bonito.

Carol Lima: Amigo spoiler não, o livro é de 53, amigo.

Sidney Andrade: É verdade, né? No final... é de novo, é sempre um sujeito individual que desperta para a realidade que ele está vivendo. Ele se rebela, aí ele vai se dar mal. O governo vai perseguir ele no final, ele vai encontrar toda uma população de rebeldes que tem livros escondidos, né? E para garantir que os livros não sejam queimados, eles decoram os livros, né?

Carol Lima: Eu acho isso tão bonitinho.

Sidney Andrade: E aí cada pessoa lá é um livro, né? Aí você vai ser Guerra e Paz, você vai ser Orgulho e Preconceito. Que livro de vocês seriam?

Carol Lima: Ele tem até um termo para isso, né? Pessoa livro, alguma coisa assim.

Sidney Andrade: E aí, no final, o protagonista vai decorar o seu livrinho lá, mas eu queria agora ver com vocês, se vocês vivessem aí nessa realidade do 451, que livro vocês seriam?

Marciel Faria: Eu seria o 100 anos de solidão.

Maysa Nascimento: Eu pensando aqui que eu seria o O Diário de um Banana o menino vem com 100 anos de solidão. Fiquei até com vergonha.

Sidney Andrade: Eita e você, Carol?

Carol Lima: Eu acho que é uma pergunta muito séria eu não tenho condições psicológicas de responder...

Sidney Andrade: É um livro que você quer perpetuar. Você tem a resposta, Gabriel?

Carol Lima: Eu acho que nessa história eu sou a senhorinha que morreu queimada no meio do livro.

Gabriel Martins: Eu vou escolher uma distopia, justamente pela importância, mas não posso escolher qual, porque é muito difícil desculpe.

Maysa Nascimento: Tá, entendi. Eu acho que escolheria um romance. Eu escolheria um romance, certeza.

Sidney Andrade: Enfim, ouvintes manda feedback aí para a gente. Qual seria o livro que você decoraria para garantir que ele nunca se perdesse no tempo? Manda para a gente ler nas próximas e-pistolagens. Muito difícil essa escolha. Só pode um.

Carol Lima: Eu provavelmente, ia atacar a minha ansiedade aí eu ia mandar alguém escolher um livro pra mim, é isso.

Maysa Nascimento: Se você acha que esse é importante, eu decoro.

Sidney Andrade: Decorar um Grey's Anatomy, Carol?

Carol Lima: É verdade, a acepção de cabeça e pescoço já está toda aqui.

Maysa Nascimento: Tem um filme também sobre isso, que acho que é bem. É bem legal que o cara, só que daí claro, colocam toda uma ação no meio. Querem pegar o cara, porque acham que ele tem um livro, mas na verdade ele tem o livro da cabeça.

Carol Lima: Inclusive, foi adaptada para a série Fahrenheit. Não foi ano passado?

Sidney Andrade: Eu sei que tem um filme famoso, não é? Fahrenheit 451 daquele diretor famoso que eu não vou, não vou saber dizer o nome.

Carol Lima: Tem o de 1966 e tem um filme de 2018. Não foi série não, é um filme com o Michael B. Jordan.

Sidney Andrade: Bom, 1984 também tem filme. Eu esqueci de mencionar. São 3 clássicos que já foram adaptados. Os 3 que a gente já falou até agora, todos ali perto de 1950 e 1960. Esses 3 foram adaptados por grandes diretores do cinema, conhecidos aí que eu não vou saber dizer o nome também. Mas aí você busca, procure. E aí o próximo talvez você vá lembrar mais do filme do que do livro, né? Porque ele ficou bem famoso por causa do filme, mas que do livro e é o quarto pilar daqui das nossas 4 distopias clássicas, é o Laranja Mecânica que aqui está acreditado como o filme do Stanley Kubrick, mas ele é o livro do autor Anthony Burgess.

Gabriel Martins: O livro é de 1962 e o filme de 1972.

Sidney Andrade: Laranja Mecânica, um filme bastante influente também no cinema. Depois, né? O que o que que acontece? Como é o Mecanismo, quer resumir Gabriel?

Carol Lima: Infelizmente despido, não é de todos seus significados por muita gente que fica romantizando esta merda.

Sidney Andrade: É verdade.

Gabriel Martins: É um livro bem forte, bem violento porque essa é a temática. Ele se passa numa Inglaterra futurista, onde o mundo é dominado por gangues juvenis. Eles

praticam o que é chamado de ultraviolência, porque os jovens eles fazem o pior imaginável nas ruas principalmente os jovens riquinhos e tal. E existe um tratamento que seria o tratamento ludovico, que seria para curar essa violência do protagonista. O protagonista no caso, seria o Alex, que é o líder da gangue. E o plot do livro é sobre uma tortura, uma lavagem cerebral, que ele sofre... ele vai passar para deixar de ser violento. E o que que ele vê? mais violência ainda. Então ele não pode fechar os olhos e está preso e ele fica vendo mais violência ainda para sentir repulsa pela violência. A tortura dele é vencer a violência, vendo mais violência.

Carol Lima: Este tratamento ludovico que ele traz até um pouco como referência o condicionamento que tem lá Huxley, né? No Admirável Mundo Novo.

Sidney Andrade: É como aqueles testes de ratos de laboratório clássico que o ratinho que vai tomar choque lá, aprende onde tem o choque.

Marciel Faria: Inclusive na faculdade de psicologia, eu assisti esse filme antes de começar os testes com os ratinhos.

Sidney Andrade: Pesado, né. Tadinho do ratinho, gente.

Marciel Faria: Mas não era choque, era água, o que pra mim é tão horroroso quanto se fosse choque...

Sidney Andrade: É tudo ruim. Esse teste é pavoroso, mas é como se fosse um reforço negativo, usando aqui o termo psicologia, me permita Marciel se estiver usando errado, me corrija, mas é como se fosse um reforço negativo diante do comportamento que você quer reprimir. Então eles causam dor e sofrimento mostrando imagens de violência para que quando ele pensa em violência, ele tenha aversão à violência.

Marciel Faria: Sim, isso mesmo.

Sidney Andrade: E aí acaba fodendo a cabeça dele mais ainda e daí ele sai mais doido do que entrou e é um desgraçamento mental completo. E hoje em dia a gente vê muito a inspiração do tratamento ludovico, em toda cena de lavagem cerebral ou que quer fazer menção a lavagem cerebral é inspirada nesse tratamento aí que foi meio que consagrada pelo livro Laranja Mecânica e no filme Laranja Mecânica, né?

Carol Lima: A cena do filme é muito emblemática, aqueles grampos abrindo os olhos do Alex e pingando colírio para ele não ter que fechar os olhos e ficar ali sendo exposto àquelas cenas e uma coisa que eu acho bem interessante é que o fim desse livro ele é tão pesado que não foi adaptado para o filme.

Sidney Andrade: Imagina! Sendo que o filme nem poupa a violência.

Carol Lima: Não, não poupa.

Sidney Andrade: Aí tem uma observação para se você for ler o livro ou ver o filme, é que o livro ele tem um idioma, sei lá, uma variante linguística própria, né? Porque como é uma gangue de jovens delinquentes, eles falam gírias, e tradução é muito bem-feita para cá também e essas gírias, elas são também transpassadas na tradução, e você ao longo que vai lendo... no começo não entende por que eles usam muitas gírias e aí

you are learning what these slang terms mean. As you move forward in the text and get the context of them.

Carol Lima: É. É meio inspirado no russo, né?

Sidney Andrade: Inspiradas no idioma russo? Sim, é. Eu acho que no final tem o glossário do que significa cada coisa, mas eu, eu acho legal você ler sem olhar o glossário, até porque aí fica indo e voltando é um saco, mas aí você vai até o final e volta para o começo, que é bom que relê, faz valer o dinheiro do livro e é divertido de você pegar.

Carol Lima: Leia o livro e comente com seus druzos.

Sidney Andrade: Excelente Carol! Leiam, é uma leitura desafiadora que eu gostei muito de fazer quando eu fiz e olha que eu li com leitor de tela. Foi um desafio a mais, né? Ler com voz sintetizada e é bastante interessante, se desafie.

Maysa Nascimento: Ó, eu tô ficando curiosa porque eu já li um livro, nada a ver com uma distopia, mas que me deu um desgraçamento mental muito grande. Eu quero ver se esse vai conseguir superar esse desgraçamento.

Sidney Andrade: Qual foi o livro?

Maysa Nascimento: O Jardim dos esquecidos. É um clássico muito polêmico nos Estados Unidos, eu ganhei de presente porque eu nunca nem tinha ouvido falar que tinha sido traduzido.

Sidney Andrade: Ai, esse final é... Enfim. Então fechamos aqui os nossos 4 pilares clássicos. Então, se você já ouviu falar, mas não sabia mais ou menos sobre o que era, agora você está sabendo e você pode ser legal na conversinha aí do seu grupinho literário.

(VINHETA DE TRANSIÇÃO: MONTAGEM DE EFEITOS SONOROS)

## 5. Distopias Modernas

Sidney Andrade: Agora vamos às distopias mais atuais, né? Vamos um pouquinho aqui para o presente, as mais contemporâneas, modernas e tal, tem umas aqui que eu de novo mencionando, não, não, não pensava como distopia e parando para pensar, até que é menino, não é que está certo. Temos aqui o primeiro da lista que o Gabriel trouxe, que foi O Senhor das Moscas, um livro que também te deixa desgraçado da cabeça no final.

Carol Lima: Não só no final né. O livro todo pode desgrçar a sua cabeça.

Sidney Andrade: Porque mexer com crianças, gente, esse livro tem criança, então fica o aviso de gatilho, entendeu? Porque são crianças se matando.

Carol Lima: Olha, tem criança, tem porco que fala...

Sidney Andrade: A sinopse do livro você quer dar Gabriel?

Gabriel Martins: Após cair um avião, um grupo de crianças ficar sozinho na ilha, sem adulto nenhum, sem supervisão. E daí eles criam uma própria sociedade. O que tem de distópico? O líder do grupo é o Jack, ele é ditadorzinho, ele vira um líder do mal. Ele quer governar ali só que ele quer do jeito dele. Ele quer exercer um controle sobre aquelas outras crianças e o que ele faz pra conseguir isso? Através de tortura e castigo pra quem discorda com ele. Ele cria também um tipo de histeria pra poder liderar através do medo, mas ainda ele cria um monstro que seria um javali, uma fera para controlar as crianças a partir de desse medo, e esse livro também traz muito simbolismo e analogia de sobre os papéis das pessoas na sociedade e cada criança exerce uma.

Sidney Andrade: Esse monstro que é o senhor das moscas, que é esse javali empalado, a cabeça do javali empalado num pau, num graveto e aí todos os meninos têm medo. Mas eu queria perguntar para o Marciel, tendo em vista essa sinopse, você diria que Lost também é uma distopia?

Marciel Faria: Estava pensando aqui agora eu estava aqui no Google fazendo paralelos.

Sidney Andrade: Porque parece a mesma coisa, inclusive o nome do protagonista é o mesmo.

Marciel Faria: Lost estava caminhando para ser uma distopia.

Sidney Andrade: Lost, eu sinto que ela é inspirada no Senhor das Moscas, inclusive tem alguns momentos que eu acho que o livro é mencionado.

Marciel Faria: O Sawyer tava lendo.

Sidney Andrade: O Sawyer é o maior leitor de Lost né? Ele é superculto, um golpista muito culto.

Carol Lima: É tão, é tão distopia, que terminou errado.

Marciel Faria: Gatilho para mim.

Sidney Andrade: Mas é bem legal que você vê os paralelos. É um livro difícil de ler assim, difícil no sentido de que ele é muito violento também. E pensar que são crianças. Um dado curioso é que eu acho que recentemente um navio ou algo que o valha caiu com várias crianças que ficaram sozinhos numa ilha por alguns dias e não, não aconteceu.

Carol Lima: Eu amei o conceito de um navio cair.

Sidney Andrade: Ele cai no fundo do mar, não é mesmo?

Sidney Andrade: É porque o curioso da matéria é que era justamente isso. Um grupo de crianças ficou perdida por um tempo na ilha deserta e não aconteceu o que aconteceu em Senhor das Moscas. Esse era o texto da matéria.

Marciel Faria: Talvez porque não deu tempo.

Gabriel Martins: Uma curiosidade que tem é que o episódio 14 da nona temporada de Simpsons adapta esse livro. Achei muito interessante, porque eu vi esse episódio quando era criança, eu gostava dele e quem faz o Jack no caso é o Bart. E daí, depois, muito depois, eu estava pesquisando distopias eu achei esse livro, eu fui ver sinopse e pensei nossa, é igualzinho episódio dos Simpsons.

Carol Lima: Os Simpsons previram O Senhor das Moscas

Sidney Andrade: Por falar em semelhanças com Lost, não sei se você sabe, Marciel, esse ano eu li o livro A Tempestade de Shakespeare. E não é que tá Lost todinho lá, menino?

Marciel Faria: Eu li no comecinho do ano também.

Carol Lima: Mas muita coisa adapta A Tempestade e a gente não sabe, né?

Sidney Andrade: É bom, os clássicos de Shakespeare, né? Tão aí até hoje. Mas eu fiquei chocado... o monstro da fumaça está lá na tempestade de Shakespeare. Gente, eu fiquei assim, gente o plágio de Shakespeare eu estava vendo uma série Shakespeare no tempo todo.

Carol Lima: A tempestade é uma obra meio esquecida aqui no Brasil.

Sidney Andrade: É verdade, ninguém fala de A Tempestade de Shakespeare. Inclusive, se a gente tá falando que seria distópico estar perdido em ilha, A Tempestade também fala de naufrágio. O navio caiu e tem uns povo lá na ilha.

Carol Lima: E umas magia muito doida.

Marciel Faria: E é curtinho, gostoso de ler. Recomendo.

Sidney Andrade: É sim, e eu acho que tem de graça no Kindle Unlimited porque são clássicos e esses clássicos geralmente são grátis.

Marciel Faria: Eu sei que eu li de graça, mas não sei como eu consegui.

Carol Lima: Você conseguiu no domínio público...

Sidney Andrade: Próxima obra aqui da lista, O Homem do Castelo Alto, do Philip K. Dick, que também é outro grande nome aí da ficção científica também, né? É? Não sei se você sabe, mas tem o ABCD da ficção científica. Que são os 4 pilares de autores da ficção científica, é o Isaac Asimov, o Ray Bradbury, o C eu não lembro quem é e o aí o D é o Philip K. Dick. Se você souber ouvinte, me diga. Mas temos O Homem do Castelo Alto do Philip K. Dick, que é uma reimaginação da história.

Gabriel Martins: Isso é como se fosse uma história alternativa. Onde a Alemanha nazista ganhou a guerra e o que acontece nos Estados Unidos? Após 15 anos da guerra, os Estados Unidos foram divididos no meio e a parte leste (de Nova Iorque) é controlada pelos nazistas da Alemanha e a parte oeste (da Califórnia) é controlado pelos japoneses e daí no meio dos Estados Unidos, tem uma zona neutra, e o plot seria sobre achar um livro onde conta a história onde os aliados venceram a segunda guerra. Como se o livro conta essa nossa história e daí os rebeldes usam esse livro pra tentar



prever o futuro e tentar mudar a própria realidade através da história que aconteceu no nosso mundo.

Sidney Andrade: Tem uma metalinguagem aí, então.

Carol Lima: É, eu achei que tudo. Não li esse livro.

Gabriel Martins: Tem uma série da Amazon que é de 2015 até 2019.

Carol Lima: É, eu conheci pela série, mas eu não cheguei a consumir.

Sidney Andrade: Mas é bem aclamada assim pelas cinco pessoas que assistem.

Carol Lima: Acho que você está subestimando o Jeff Beijos.

Sidney Andrade: Bom, talvez em 2021, quando estiver saindo esse episódio tenha melhorado, mas não tenho esperanças. Amazon Prime, pelo amor de Deus melhore essa interface. Mas é assim porque eu ouço que ela é muito bem-feita, muito bem-produzida a série, né? O livro eu não li, mas a série todo mundo recomenda todo mundo que assiste, mas não é muita gente.

Sidney Andrade: Nossa, agora a próxima obra todo mundo conhece, inclusive talvez esteja na próxima votação do formulário para a gente falar aqui. Então a gente vai para falar bem an passant para você votar é V de Vingança. Olha, temos uma HQ aqui, que é do Alan Moore e tem um filme de 2005. Eu esqueci quem é o diretor, mas as irmãs Wachowski são produtoras.

Carol Lima: O diretor é o James McTeigue. E tem a Natalie Portman, carequinha, tudo para mim.

Sidney Andrade: Remember remember the fifth of november

Gabriel Martins: Uma coisa interessante que esse é um exemplo do que a gente estava pensando lá no início de uma obra que não é pós apocalíptica, acontece nos dias atuais, digamos, um mundo alternativo.

Sidney Andrade: Como é o plot do V de Vingança?

Gabriel Martins: Seria o sistema opressor lá do chanceler, que tem o plot básico de opressão lá e surge a figura do V, que seria da máscara do Guy Fawkes, que ele busca derrubar o sistema e acordar um povo. E ele tem esse mote dele de ser um símbolo de esperança da revolução e daí tem a frase famosa, que é o lembra lembrai o cindo de novembro. Porque ele iria explodir o parlamento, só que ele quer que as pessoas façam isso, ele quer que o povo acorde para fazer isso junto com ele.

Carol Lima: Sim, ele é uma figura que foi bem violentada pelo governo.

Sidney Andrade: Ai, é clássica cena em que o parlamento é explodido com aquela sinfonia, né? Que eu não vou saber quem é o autor da sinfonia, porque eu não sou barroca o suficiente, mas é uma sinfonia bem clássica e tá o parlamento sendo explodido com a música clássica. O editor vai botar aí o áudio da explosão...

(VÍRGULA SONORA – Trecho de áudio do filme V de Vingança, como foi citado pelo Sidney)

Sidney Andrade: Outra HQ que virou filme depois virou série é O Expresso do Amanhã, o Snowpiercer, virou filme e virou uma série da Netflix (muito da ruim). A HQ é melhor que a série?

Marciel Faria: É a melhor série ruim do ano. Eu não conseguia parar de ver, eu queria ver todos os episódios.

Maysa Nascimento: Tipo, aquele trem tá ruim mas você precisa terminar de ver, né?

Sidney Andrade: Aquele trem literalmente, né Maysa?

Gabriel Martins: E pra quem quiser procurar a HQ, ela tem um nome diferente. Em português ela foi traduzida para O Perfura Neve.

Sidney Andrade: E em inglês é Snowpiercer, perfura neve, né? E Expresso do Amanhã parece, sei lá, um parque da Disney, sabe?

Carol Lima: Mas o português as vezes ele não orna né.

Gabriel Martins: O filme, que é mais famoso, né? Porque é do aclamadíssimo Bong Joon-ho que ganhou o Oscar de Parasita.

Sidney Andrade: E por que que eles estão fazendo uma série se o filme saiu logo agora gente. Netflix, tome tenência dê um tempo. Ainda fizeram uma série ruim. O primeiro episódio começa com uma animação porque não tem tempo, não tem recurso daí tem que fazer uma animação pra explicar o fim do mundo lá, porque não tem como fazer em live action. Enfim, mas vamos ao plot.

Gabriel Martins: A história, o mundo sofreram consequências do aquecimento global e para tentar parar isso os cientistas eles tentaram resfriar o núcleo do universo, só que eles acabaram congelando o universo inteiro.

Sidney Andrade: A pessoa quando o controle remoto do ar-condicionado quebra e não pode aumentar a temperatura mais...

Gabriel Martins: Como o mundo estava congelado, era quase impossível de viver lá fora e daí o que que eles fizeram, eles criaram um trem que ele não para, no que faz uma volta no planeta inteiro eternamente, e a própria energia que ele gera, faz tudo girar, porque não pode parar nunca. Quanto mais perto da ponta do trem, mais ricas são as pessoas e mais para trás, mais pobre e até mais pobres. E as mais pobres servem as mais ricas, como sempre. E o que acontece, as pessoas lá de trás começam a planejar uma revolta, porque eles querem subir para frente, porque quanto mais para frente do vagão, melhor é a vida, né? E a história é sobre o povo de trás, criando uma rebelião para avançar até o ponto da frente, eles vão passar por cada etapa da sociedade e vendo como funciona a vida dos ricos, digamos, até chegar ao maquinista.

Sidney Andrade: A máquina, né? É curioso como essa a essa história ela o se utiliza do plot do apocalipse para fazer uma discussão distópica, muito interessante. Eu não

assisti ao filme, a série só vi o segundo episódio, não aguentei e a HQ obviamente, eu não li ainda.

Gabriel Martins: Mas o filme vale bastante a penas.

Marciel Faria: Assistam a série com as expectativas baixas, é muito ruim.

Sidney Andrade: Bom, a próxima que é um livro aclamadíssimo, principalmente ultimamente, assim, nos últimos anos, né? Eu acho que mesmo antes de sair a série que é do Hulu, né? Mas mesmo antes da série, eu acho que eles já eram um pouco mais bem falados e por isso que virou série, que é o famigerado O Conta da Aia, em português e em inglês é *The Handmaid's Tale*. Nossa, você quer ficar desgraçado da cabeça você vem para cá. Outro também de desgraçamento mental. Eu fico puto, porque esse livro ele engatilha, porque ele toca num ponto muito sensível comigo, que é a ditadura religiosa.

Carol Lima: Teocracia. Eu fico engatilhada também.

Sidney Andrade: Bom eu jamais assistiria a série porque eu tenho altos riscos de cair em desespero.

Carol Lima: A primeira temporada é boa, a segunda eles viram um revenge porn meio pesado.

Sidney Andrade: Bom mas do que se trata O Conto da Aia, da Margaret Atwood, essa mulher que é linda também leiam tudo, leiam todos os livros delas que são ótimos eu já li vários ela tem um que revisita o mito de Penélope, a esposa de Homero, que ela fica esperando tecendo o tapete, ela reconta esse mito é maravilhoso. Procure aí Margaret Atwood você acha no Google. Eu também não vou dar fácil não que numa distopia, você tem que lutar pelo seu lugar na sociedade. Mas Gabriel, vamos voltar.

Gabriel Martins: A história se passa nos Estados Unidos e após uma época as pessoas ficaram inférteis, e o que acontece? Um grupo religioso fundamentalista chamado Os Filhos de Jacó eles organizam um ataque à Casa Branca e culpam os terroristas, o que faz eles dizerem assim “nossa, os terroristas tão nos atacando a gente precisa derrubar a constituição por um tempo pra poder atacar os terroristas”.

Sidney Andrade: Gente isso é tão fantasioso, parece que nunca aconteceu...

Carol Lima: Alá o golpe.

Gabriel Martins: Daí eles reorganizam a sociedade e principalmente as mulheres. Eles classificam as mulheres conforme a necessidade delas para a sociedade e nome da República, Gilead, e é sabido então que quem manda na sociedade são os homens que são chamados comandantes. São várias classes de mulheres, de várias castas. Tem as esposas, que são as mulheres dos comandantes que não fazem nada só são a as esposas mesmo. Tenha a classe mais alta das mulheres, são as que tem algum poder, são as Tias, são as responsáveis por criar e educar e fazer lavagem cerebral nas Aias. E as Aias, são as mulheres que eram férteis e não se encaixam na sociedade, e são mandadas para a casa dos comandantes para gerar filhos e as mulheres que não eram férteis e também não se encaixavam eram as Martas que são para servir para a família e cozinhar e tal. E as Aias elas não têm nome, não tem identidade, ela recebe o nome de

quem for o comandante atual delas. Daí a protagonista o comandante dela é o Fred então o nome dela é Offred.

Sidney Andrade: E vamos salientar, elas não são mandadas pra gerar né? Elas são mandadas para serem estupradas e o comandante engravidá-las para gerar seus filhos porque as esposas não servem para isso.

Carol Lima: E é um ritual bizarro.

Gabriel Martins: É um ritual baseado na bíblia, na história da Rachel que não podia ter filhos daí no caso ela deu a cervela dela, a aia, por isso o nome para servir como o ventre pro filho do marido deles. Daí eles usam esse texto como a justificativa para servir como um ritual religioso mesmo.

Carol Lima: Só esqueceram a parte que Deus ficou puto com isso né.

Sidney Andrade: A gente tá aí e vendo que as pessoas esquecem convenientemente as partes que nas quais eles são responsabilizados.

Maysa Nascimento: O que incomoda eles fingem que não existe.

Carol Lima: E é bem interessante porque é isso que acontece mesmo. Eles ignoram e escondem partes da bíblia que é o livro que eles vão pautar ali a sociedade deles e só existem alguns fragmentos.

Sidney Andrade: Que são os que interessam para manutenção do poder, né, do dos homens? Ai, qualquer semelhança com a realidade é de propósito mesmo. Ai, gente, esse livro é muito bad vibes. A série é muito, é tudo é muito bad vibes, mas se precisa ler porque é uma leitura obrigatória.

Gabriel Martins: Tem uma questão também que o nível de preconceito que essa sociedade tem, é, é, é total assim, todas as religiões que não são a deles é banida e punível com a morte, assim também como todas as, digamos, ideologias que eles não seguem também é punida com a morte. Então todas as pessoas que são LGBT são considerados traidores de gênero e são mortas ou mandados para colônias de escravidão. E também, digamos, é, é uma mulher lésbica, mas é fértil, ela ainda é considerada útil.

Carol Lima: Vai ser Aia.

Gabriel Martins: E tem o caso também das mutilações para não sentir prazer, porque elas são traidoras de gênero.

Sidney Andrade: Pesa o clima principalmente porque não é ficção gente.

Gabriel Martins: Tem uma frase que a escritora disse numa entrevista em 2004 “Eu não coloquei nada que não tenhamos feito, estamos fazendo ou estamos tentando seriamente fazer. Justamente quanto a ideias que já estão em andamento. Então todas essas coisas são reais em algum ponto. Portanto a quantidade de invenção que eu botei é quase nula.”

Sidney Andrade: Ela foi bem sagaz nesse sentido né.

Carol Lima: É detalhe que foi em 2004, tá?

Gabriel Martins: E o livro é de 84.

Sidney Andrade: Mal previa ela, não é, que em 2020 o livro dela ia ser um livro de história factual e não um livro de ficção. Bom, vamos aqui para o próximo para melhorar o clima. Vamos, é matança sem fim com adolescentes na escola. O Gabriel botou o Battle Royale que a gente mencionou brevemente no nosso episódio de Jogos Vorazes, que tem uma premissa muito semelhante a premissa do próprio Jogos Vorazes, né? Tanto é que a Suzanne Collins foi acusada de plagiar esse livro aqui, o que não é verdade. A gente esclareceu lá no episódio, mas é bem semelhante, até porque eles partem de um mesmo ponto de vista aí do mesmo ponto de interpretação de como a sociedade estava encarando estes problemas, que são, quais Gabriel? Quais são os problemas?

Gabriel Martins: No caso, a história se passa num Japão futurista na República da grande Ásia oriental e a parte semelhante com Jogos Vorazes é porque é um sistema de controle também, o governo manda 42 estudantes da oitava série para participar de um programa de pesquisa militar. E o que eles fazem? Esse programa, eles botam as crianças lá para se matar. E são várias armas letais e um vencedor no caso, será o último que permanecer vivo.

Sidney Andrade: E o vencedor não ganha nada, né? No caso aqui. A Vitória, é você sobreviver, é bem mais brutal do que Jogos Vorazes, não tem continuação, só tem um só e a crítica é justamente essa: a gente vai fazer isso aí uma vez por ano porque a gente manda em vocês e seus filhos vão ser colocados na arena para se matar porque a gente pode. Não tem espetáculo, não tem nada, é só para mostrar a força que esse regime totalitário lá no Japão tem, né? Só uma demonstração de poder. Eu gosto bastante, é bem mais violento que os Jogos Vorazes. A discussão sobre regimes totalitários é um pouco menor, porque é mais curto e porque tem essa redução aí de que não existe uma espetacularização da coisa no sentido americano, né? Porque isso também é uma mentalidade bastante Americana, né? Então, o japonês realmente teria uma perspectiva mais diferente da Suzanne que é norte-americana. Eu tenho que parar de falar norte-americano? Sou sim esse tipo de pessoa tá que prefere chamar estadunidense. Se você quiser criticar, criticar aí no seu Bloco de Notas e apague. E bom, mas é vale a leitura. Battle Royale, por favor, leiam, é muito, muito bom o livro. Se você gosta de distopias né? E de violência. E de pessoas sendo empaladas no olho com um negócio de furar gelo. Fica aí o aviso de gatilho.

Maysa Nascimento: Se você aguentar, cê lê. Foi avisado.

Sidney Andrade: Pois é, gente, olha só, temos muitas obras para falar, não é mesmo? Agora a gente vai só para umas mençoézinhas honrosas, não vamos entrar muito em detalhes. A gente não vai falar de Jogos Vorazes, porque a gente já tem um episódio inteiro de mais de 3 horas só sobre a obra. Então vai lá ouvir, tá bom?

Carol Lima: Que deveria ter mais horas ou mais episódios, tá Sidney Andrade, eu nunca esqueci, nunca vou esquecer.

Sidney Andrade: Eu sei, essa briga todo mundo vai comprar comigo eu sei que eu vou pro inferno com ela.

Gabriel Martins: Eu acho que seria justo se Cantiga dos Pássaros fosse pra votação...

Sidney Andrade: Quem sabe, não é? Mas vamos para as menções honrosas ligeiras...

Carol Lima: Algumas mais que outras.

Sidney Andrade: Algumas mais ligeiras que outras?

Carol Lima: Algumas mais honrosas que outras.

Gabriel Martins: Talvez o pauteiro não tenha sido tão parcial nas menções honrosas.

Sidney Andrade: Eu vou jogar o nome e vocês falam o que vocês quiserem sobre tá bom? Blade Runner, o filme de Ridley Scott dos anos 80.

Carol Lima: AMO!

Sidney Andrade: Ele é inspirado no livro Androides sonham com ovelhas elétricas? Que é do Phillip K. Dick também o mesmo autor lá do homem do castelo alto que a gente falou, é um clássico cult, não é mesmo? É de onde sai a famigerada frase que ficará perdido para sempre como lágrimas na chuva. Bom, todo mundo conhece Blade Runner, será? Saiu uma sequência depois né de outro diretor, como chama? Denis Villeneuve. É, tem na Netflix, pelo menos quando a gente está gravando. Vocês assistiram? Não assisti.

Carol Lima: Eu prefiro me poupar.

Sidney Andrade: Eu li o livro e assisti o filme mas eu confesso que prefiro o livro, mas eu sempre prefiro o livro.

Carol Lima: Mas você viu qual corte? Porque é muito importante qual versão você assiste. Se você for assistir Blade Runner, assiste o corte do diretor, porque aqui não tem o voice-over péssimo e o final muda.

Sidney Andrade: Nem lembro. Mas não confundam, tá, gente. O livro não se chama Blade Runner. O livro se chama Androides sonham com ovelhas elétricas?

Carol Lima: Isso.

Sidney Andrade: Próximo da lista, próxima menção honrosa é Matrix das irmãs Wachowski. Matrix, é bem pós apocalíptico também, né? A gente considera como distopia? Vale a menção, né? Mas aí vocês já saíram da Matrix?

Carol Lima: Então menino, eu não vi Matrix.

Gabriel Martins: Eu também não vi Matrix.

Maysa Nascimento: Eu achei que eu tava fora... eu vi faz muito tempo. Ganharam.

Sidney Andrade: Peraí, eu tô nervoso. Carol não viu, Gabriel não viu, Maysa...

Maysa Nascimento: Eu vi há muito tempo e eu achei que eu estava feia na foto porque faz muito tempo assim.

Sidney Andrade: Marciel, você viu?

Marciel Faria: Eu vi, e faz pouco tempo que eu acabei de ver por que voltou pra Netflix.

Sidney Andrade: É verdade, voltou e voltou com audiodescrição, assisti recentemente e eu confesso que eu tenho uma interpretação completamente diferente hoje de Matrix do que eu tinha quando ele tava saindo, quando eu assisti das primeiras vezes.

Marciel Faria: Mas eu acho que é um filme muito icônico para quem não assistiu, deve ter um monte de referências que já consegue ligar à Matrix.

Sidney Andrade: Sim, ele marcou uma era pra ficção científica no cinema e para a produção cinematográfica também.

Maysa Nascimento: Inclusive eu andei lendo esses dias que uma das diretoras ela acabou falando sobre Matrix ter paralelos LGBT né? Não só sobre a distopia, mas você também poder ter essa interpretação. Eu não vou falar qual letra da sigla porque eu não quero falar bosta, não vou lembrar.

Sidney Andrade: Eu acho que é sobre transgeneridade.

Maysa Nascimento: Provavelmente sim, é isso que tá na minha cabeça, mas eu não tenho certeza então eu não vou falar. Isso é muito importante pra você poder revisitar o filme de uma outra forma. E como ele não fica velho, né? Ele só se transforma e você muda a sua interpretação.

Sidney Andrade: É curioso isso porque, eu não sei se foi a Lana ou se foi a Lily, eu não sei qual das 2 foi quem disse isso. Só que aí eu assisti inclusive, mês passado e confesso que não despertou nenhum gatilho assim nesse sentido de interpretar por essa chave da transição de gênero, mas eu acho curioso porque vai ser um filme que elas fizeram antes de transicionar, né? Até que os nomes de antes de antes da transição são creditados ainda a elas naquela época. Vou até procurar para ler como é que essa chave interpretativa para repensar o filme porque assisti recentemente, realmente não consegui esse, essa, essa abstração para interpretar isso como, como o também fazendo parte da experiência delas de transição de gênero, né?

Maysa Nascimento: Claro, e também tem que ver como, tipo, o que, o quanto delas, da experiência própria, elas acabaram colocando no filme de forma até inconsciente às vezes.

Sidney Andrade: Bom, mas isso tudo a gente só vai discutir se Matrix ganhar na votação, ele tá no formulário.

Carol Lima: Será que vocês vão me fazer assisti Matrix?

Sidney Andrade: Olha, além de Jogos Vorazes tem todo um nicho agora de distopias jovem adulto...

Carol Lima: É, mas já passou né.

Sidney Andrade: Nossa Carol, sem paciência pra quem tá começando...

Carol Lima: Não tipo, esse boom que tava tendo de distopia isso já passou.

Marciel Faria: Tá saturado o tema.

Gabriel Martins: Dessas distopias Jovem Adulto, a partir de 2008, com o boom de Jogos Vorazes, Jogos Vorazes ainda é a única que manteve mais os elementos de

distopias mais claros, as outras que virão a seguir tem muito elementos e normalmente são inspiradas em um livro específico, por exemplo, Jogos Vorazes é muito pegada de 1984. E como a gente vai ver nas próximas séries famosas de Jovem Adulto ela normalmente pega um livro antigo desses clássicos e tenta pegar essa temática e retrabalhar em um contexto adolescente.

Sidney Andrade: Bom na esteira, e então temos a famigerada Divergente, que é uma trilogia, não é? Divergente, Convergente e adstringente... Como é essa, qual é a obra que ela copia para o Jovem Adulto?

Gabriel Martins: A kibagem desse foi um pouco de Admirável Mundo Novo, porque também tem a criação do ser humano perfeito, porque eles acreditam que a um outro tempo, que teve certas características da humanidade que fez a guerra acontecer. Então eles querem criar ser humanos sem essas características, sem egoísmo, sem burrice, sem a fraqueza e sem todos esses, esses elementos, e eles criam ser humanos para encaixar em cada lugar.

Sidney Andrade: Esses defeitos.

Gabriel Martins: Esses defeitos e daí os ser humanos são abnegados, são inteligentes, são audazes...

Sidney Andrade: Ai eu não tenho paciência, Gabriel, para, para não quero mais, chega só de você falar nossa, parece, parece Senhor dos Anéis. Eu não aguento.

Gabriel Martins: É horrível, é extremamente mal escrito e é um consenso entre os fãs que o terceiro livro é horrível.

Maysa Nascimento: Estava, eu estava lendo a pauta quando eu estava me preparando para episódio e assim eu sempre achei Divergente, sempre eu coloquei na minha cabeça que os livros eram melhores que os filmes, porque eu nunca consegui ver os filmes, mas eu li os livros. Aí quando eu fui ler a pauta eu disse cara, mas espera. Daí eu entendi que eu li o livro um, eu li o livro dois super-rápido, meu ritmo habitual de leitura, mas o livro três eu levei anos pra terminar.

Sidney Andrade: Os filmes são flopadíssimos.

Gabriel Martins: O último foi cancelado.

Sidney Andrade: Iria ser um telefilme e não fizeram.

Gabriel Martins: O problema é que ela trabalha os elementos distópicos muito de leve, assim, muito jogado. E o terceiro livro é uma ficção científica, meio maluca assim. Sem explicação nenhuma.

Sidney Andrade: Carol, quero saber qual é o seu input nessa questão já que você se gaba de ter lido Divergente.

Carol Lima: Eu sobrevivi, menino. Realmente é ruim, mas eu gosto da coragem da coragem da autora..

Sidney Andrade: Parabéns pela coragem porque noção não teve.



Carol Lima: Mas ela teve coragem de é, enfim, eu posso soltar os spoilers aqui, pode? Ela teve coragem de matar a protagonista aos 5 minutos do para o fim do segundo tempo.

Maysa Nascimento: É tipo, faltava dois minutos para o fim do jogo, ela consegue fazer essa, essa, essa proeza.

Sidney Andrade: A gente já dedicou mais tempo do que merece, gente chega.

Marciel Faria: 2 minutos de ódio.

Sidney Andrade: O próximo gente, o próximo eu gosto nem é tão ruim.

Gabriel Martins: Eu gosto também.

Sidney Andrade: É embora eu gosto mais do começo do que no final, é a série Maze Runner.

Carol Lima: Não li, não faço a mínima ideia.

Sidney Andrade: Entre 2009 e 2020, tá saindo esse ano ainda?

Gabriel Martins: Tem, ele tem uma nova trilogia prequel agora. Tem a trilogia oficial que é Correr ou Morrer, Prova de Fogo e A Cura Mortal. Agora tem a trilogia prequel. O Código da Febre, que saiu em 2016, mas vai sair só agora em 2020 no Brasil.

Sidney Andrade: Nossa, será que eu leio tudo isso? Eu gosto muito, eles estão lá num experimento social, não. Eles têm que ter um labirinto lá. Eles têm que correr, tem uns monstros. Muito louco. É bem divertido assim. Eu não diria que é uma obra de arte, não é um primor da literatura, mas dá para se divertir bastante com Maze Runner.

Carol Lima: Você não precisa consumir só primores da literatura, né?

Sidney Andrade: Sim, claro, eu indico Maze Runner eu indico ao contrário de divergente que eu não consegui passar dos cinco primeiros capítulos. Porque é interessante você perceber a dinâmica de como eles vão explorando o labirinto lá, sabe, para ver como é que ele funciona e tal. Tem um misteriozinho ali.

Carol Lima: Eles acham o fio dourado?

Sidney Andrade: Não tem o fio dourado...

Gabriel Martin: O interessante de Maze Runner é que também tem uma questão do melhoramento genético, que é pra procurar a cura. Tem o vírus, que foi (spoiler) soltado no mundo pra diminuir a população, só que deu errado eles não conseguiram...

Sidney Andrade: Thanos, é você?

Gabriel Martin: E daí surgiu uma geração de crianças que era imune só que eles precisam achar um jeito de entender porque que essas crianças eram imunes daí eles começam a testar as crianças daí é todo um procedimento...

Sidney Andrade: Como ratos de laboratório... botam eles no labirinto literalmente.

Gabriel Martin: E por isso que ele é um pouco de admirável mundo novo também, sobre experimentos.

Sidney Andrade: Tem filmes também, né?

Gabriel Martin: Sim, eles conseguiram fazer a primeira trilogia.

Sidney Andrade: Não sei se é bom não, talvez eu não recomende os filmes. Você nunca ouviu falar, ouviu?

Gabriel Martin: Mas a primeira trilogia valeu a pena.

Sidney Andrade: Eu também acho. Não sei se eu vou arriscar a segunda, mas se eu não tiver nada pra ler eu boto ali na lista. Bom, menções mais rápidas aqui vamos ligeiro agora sim A Seleção. Do que se trata a seleção Maysa?

Maysa Nascimento: Agora sim, meus queridos. Em um mundo que foi desolado, um mundo não né, os Estados Unidos foram desolados por duas guerras mundiais...

Sidney Andrade: Que pro estadunidense é o mundo, né?

Maysa Nascimento: Exatamente. Os Estados Unidos, não existe mais, existe a monarquia, estado de Iléa, é uma agora uma monarquia. Só que engraçado que você vai lendo, vai descobrindo que é todo mundo aceitou a monarquia e isso vai evoluindo, né? Só que assim, para manter a, como que eu posso falar? A ilusão de que a monarquia funciona, o rei, ele faz uma seleção entre as meninas de todas, né? Ele cria essa monarquia, divide a sociedade em castas de 1 a 8. Um é só a família real e eles para acalmar os ânimos de toda a sociedade, ele faz uma seleção das melhores meninas de todas as castas e elas vão lá para ser a futura princesa. O problema, né? E, claro, o nome da protagonista é America, obvio.

Carol Lima: É o Diário da Princesa encontra Admirável Mundo novo?

Sidney Andrade: E encontra Jogos Vorazes.

Maysa Nascimento: Só que daí é assim porque ele não é muito, ele é totalmente PG 13 assim, aí ele só vai ter um pouco mais de discussão política no último da trilogia, porque na verdade, a autora lançou 2 livros depois, mas foi só um fã service e não gostei. Ninguém gosta na verdade. O importante são os 3 primeiros e ela traz um pouco mais dessa discussão política, no terceiro, o problema é que a gente acredita que é por limitação contratual, porque não tem outra explicação, ela corta muito e ela perde muito da discussão política e que poderia tornar é a seleção de fato, uma distopia e muito bem escrita. Ela se perde um pouquinho isso aí.

Sidney Andrade: Olha eu não vou tá lendo não tá Maysa. Obrigada pela indicação.

Maysa Nascimento: Não te culpo. Mas um beijo pras meninas amigas da minha irmãzinha que gostam pra caramba.

Sidney Andrade: Ó, para quem chegou aqui pela seleção da Maysa eu peço desculpas, mas que bom que vocês chegaram até aqui, sejam bem vindas e bem vindes. Um beijo pra todas as amigas da Maysa mas eu não vou ler não. Eu tava lendo aqui a lista dos próximos e acho que isso nasce de uma necessidade, entre aspas, editorial a mais atual é que todas essas distopias são séries, né? A gente estava vendo só títulos isolados até os clássicos ali os mais antigos. Assim dos anos 80 e 90 e aqui dos anos 2000 para cá, são tudo em séries, né? Porque tem que fazer render, né? A franquia.

Carol Lima: É a HarryPotterização da literatura.

Sidney Andrade: Adorei! Esse é um termo de um tipo muito específico de pessoa que critica literatura.

Maysa Nascimento: Mas eu ia falar sobre isso, que eu li um artigo uma vez, claro, muitos anos atrás sobre a necessidade editorial de emplacar um sucesso literário tal qual Harry Potter. Então houve muito esse boom justamente por causa disso.

Sidney Andrade: Que foi a mesma necessidade, de novo jogando pra Lost, foi a mesma necessidade de criar um novo Lost.

Maysa Nascimento: Exatamente. Uns melhores que outros mas sempre houve esse boom justamente pra preencher essa lacuna que foi deixada.

Sidney Andrade: Mas eu amo muito o termo HarryPotterização da literatura.

Carol Lima: Por nada.

Sidney Andrade: Eu estou aqui chocada, passada que tem uma série distópica chamada Feios, é sério isso? Feios?

Carol Lima: Me disseram que não valia a pena falar sobre ela.

Maysa Nascimento: Vamo problematizar esse título aí heim...

Sidney Andrade: Aqui na sinopse é pior, todo mundo é toda bonita natural meu peito é duro bonita pra caramba e os feios são excluídos, é isso? Não quero nem saber.

Maysa Nascimento: Nunca nem ouvi falar desse troço.

Sidney Andrade: Também não.

Gabriel Martin: Eu não cheguei a ler também. O que eu ia dizer é que eu ainda peguei as mais famosas, as que fizeram um pouco de sucesso porque a lista é gigante, ainda mais dos que não saíram no Brasil, de distopias que saíram depois de 2008.

Carol Lima: Eu também não cheguei a ler Feios mas não vale a pena não gente.

Gabriel Martin: Eu não li e não tenho vontade.

Carol Lima: Porque toda crítica da época falava isso.

Sidney Andrade: O Marciel tinha falado como possibilidade, mas está aqui na pauta assim. Black Mirror como distopia, uma série distópica começou na BBC, depois foi para Netflix se quiser, tem na Netflix a série Black Mirror inteiro. A gente já até falou, mencionou, não precisamos voltar nela, não é mesmo. A próxima seria aqui ó 3% Brasil, 3% da Netflix.

Carol Lima: Leo, corre aqui.

Sidney Andrade: O maior entusiasta, de 3% na podosfera brasileira, Leo Oliveira chega aqui, gente 3% é uma série que eu sei que é difícil de você ultrapassar a barreira da atuação. Porque a gente não está acostumado a perceber com bons olhos narrativas de ficção científica feita é por brasileiros, sendo atuado em português, né? No contexto brasileiro, porque a gente está muito mais acostumado com isso sendo importado para

a gente, né? E 3% meio que quebra. Isso é o roteiro de 3%, é muito legal, tem uns probleminhas, eu confesso, mas.

Carol Lima: Ai, eu não consigo. Aquele sotaque todo higienizado.

Sidney Andrade: Mas depois melhora depois tem um capanga que tem um sotaque nordestino maravilhoso, Carol. Você nem sabe. Ele é de uma facção lá. Enfim, é muito legal. Eu gosto muito, é melhor assim, eu vou dizer que melhora porque fica menos pior. Eu não vou dizer que fica bom a atuação eu não sou capaz de dizer que fica bom atuação no final, porque sim parece que não, não orna brasileiro fazendo ficção científica, mas o roteiro é muito legal. A discussão que eles levantam muito legal em 3%. É um continente, é meio pois apocalíptico também, é um continente está em colapso, as pessoas vivem com fome, mas tem a perspectiva de irem para o Maralto, né? Que é essa ilha no meio do mar, onde tem muita tecnologia e abundância de recursos. Mas só 3% das pessoas que fazem a seleção passam para ir para esse lugar é utópico, né, que é o Maralto e aí a série fala em primeiro lugar sobre a seleção, como a seleção é e ela discute muito mérito, meritocracia que é muito interessante essa discussão na série também não é de um jeito reacionário. E eu gosto porque ela terminou com uma nota otimista. Eu sei que o final não é unanimidade, o Léo também não gostou muito do final, mas o final, assim ele termina de um jeito, está todo mundo na merda, foi tudo para merda no final, mas ele termina de uma, de uma maneira muito otimista, que eu acho que a gente está precisando e 3% fez isso por mim, eu recomendo 4 temporadas na Netflix, assistam, ultrapassem a barreira da vergonha alheia, por favor, porque vale a pena pelo roteiro e para vocês se acostumarem os produtores de 3% fizeram outra série na Netflix que não é muito conhecido e que dizem que é muito melhor, que é Onisciente, se vocês quiserem assistir também. É de ficção científica também. Eu acho que é um pouco distópica, mas como não deu buzz, não fez sucesso eu acho que só tem uma temporada e parece que é que é melhor até em termos de produção, porque agora eles têm 4 temporadas de experiência, né?

Carol Lima: Eu acho que o grande mérito de 3% é Elza Soares na trilha sonora.

Sidney Andrade: Tudo em minha vida, tudo. E muito curiosamente, um dado curioso é que 3% ela faz muito sucesso nos Estados Unidos, ela é muito aclamada lá, assim, muito, tanto é que ela teve 4 temporadas, mas não foi pela audiência brasileira de jeito nenhum. É porque o americano está mais acostumado com esse tipo de farofa, entendeu?

Maysa Nascimento: E não só isso né? Brasileiro adora pisar no próprio, ele nunca olha o próprio. Ele tá acostumado a banalizar o dele.

Sidney Andrade: É, e você aí que assistir The 100, que assiste sabe Once Upon a Time, todas essas porcarias aí você não tem do que reclamar 3%, não tá querida? Você assiste coisas muito pior na CW. Só porque é americano, vocês tão lambendo o cu aí de gringo. É, tem muita inspiração em todos esses, essas ficções científicas norte-americanas, famosas, tem muitos paralelos.

## 6. Encerramento

Sidney Andrade: Bom, gente é isso você ouvinte que está aí se coçando para dizer a sua distopia favorita, mande feedback para nós suas e-pistolagem para a gente ler na nossa próxima live de leitura de comentários, não deixe de participar e não deixe de dizer qual livro você seria no mundo de Fahrenheit 451 aí que você teria que decorar, gostaria de decorar para ser um livro e não deixar que ele morresse, queria abrir aqui o espaço agora para o pessoal concluir aí das suas considerações finais sobre o tema e fazer sua divulgação, se assim desejar, começando por Marciel Faria.

Marciel Faria: Cara, eu comecei a conversa falando o quanto que eu gostava de distopia e conforme a coisa foi acontecendo eu vi a quantidade de distopias que eu ainda não conheço, o próprio Fahrenheit é algo que eu conhecia as referências, mas eu não conhecia a história e eu não li, então eu acho que vou sair daqui com uma lista de leitura para ser feita futuramente. O Estação me influenciou.

Sidney Andrade: Ainda bem que estamos. Anote aí senhora, esses episódios são bons pra gente fazer listas. Maysa querida e você?

Maysa Nascimento: Nossa gente sair daqui é exatamente como o Marciel. Apesar de conhecer muita coisa de nome, né? Por serem clássicos e tudo mais. Mas é importante ver assim, conhecer um pouco mais. Então eu saio daqui com a bagagem bem mais pesada e eu gostaria de fazer o jabá, eu faço parte do podcast, né? Eu e o Gabriel e a gente faz parte do podcast As Baladas de Nárnia, sim, nós temos um plano de dominação do Estação 21, isso já é domínio público.

Sidney Andrade: Eu não aguento mais, chega.

Maysa Nascimento: Desde o nosso lançamento a gente tá aqui em todo episódio fazendo o nosso jabá. É o nosso podcast sobre as obras do C. S. Lewis, As Crônicas de Nárnia, sobre os livros e suas adaptações. A gente também lembra lá do Estação bastante.

Sidney Andrade: Mas você não faz mais que a obrigação.

Maysa Nascimento: Com certeza, se não fosse o Estação a gente nem existia. E vão lá ouvir e dar um biscoitinho porque a gente não é Franco mas a gente gosta de biscoito.

Sidney Andrade: Eu nem perguntei, Marciel você tem divulgação?

Marciel Faria: Não. Agora que falou do Franco, eu fiquei pensando, porque minha única divulgação é o próprio Estação. Então me deem um biscoito dos episódios que eu participar e futuramente as jornadas vem aí.

Sidney Andrade: É verdade, fiquem atento às jornadas. Tem uma vindo logo aí na esquina igual a Diego com toda a alegria festejando, fique atento. Gabriel, e você meu querido?

Gabriel Martins: As minhas considerações. Bom, como eu disse, essa foi a pauta que mais me deu trabalho, mas foi a que eu mais gostei de fazer, porque é um tema que eu gosto muito de pesquisar e ainda nessa lista tem muitas obras que eu não li, ou obras que eu li para fazer a pauta, tipo Admirável Mundo Novo, eu li um pouco antes de fazer

pauta. Eu reli o 1984 também e foi muito legal também. É um tema que eu gosto muito e que eu, continuamente assim, às vezes eu dou uma pausa porque me deixa muito na bad, mas dependendo do tempo eu volto ainda e pego outra para consumir e eu tenho jabá para fazer. Eu tenho uma antologia, que saiu um conto meu, que se chama Corações Coloridos que Pulsam, que é uma antologia de contos LGBT good vibes. Assim que tem um final feliz, que é o que a gente está precisando no momento né? Ela está disponível na Amazon, Corações Coloridos que Pulsam. E meu conto se chama Geminiano Apaixonado.

Sidney Andrade: Ai, meu Deus. Quando geminiano se apaixona, é um perigo. Carol, minha querida, e você suas considerações finais, suas divulgações.

Carol Lima: Ai gente, eu e Gabriel Martins, a gente é muito suspeito para falar de distopia, não é? É, mas eu também estou nessa, tô nessas de desse pessoal que já tinha consumido bastante distopia, até porque é um gênero que eu curto muito e mesmo assim ainda tem coisa para ir atrás. É, eu realmente acho que é um gênero que ele serve muito para você despertar mesmo você prestar atenção nas coisas que te rodeiam. E o que que faz as coisas acontecerem as coisas que eu digo assim, a máquina da sociedade, não é mesmo? E entenda como a linguíça é feita. E acho que assim tem muito valor, né? E principalmente assim, num momento histórico onde a gente está eu acho que são obras que valem muito a pena você visitar, você revisitar, principalmente porque você nunca vai conseguir, né? Pegar todas as minúcias numa leitura só então eu acho que começa nos YA se quiserem, mas partam para os clássicos, pessoal, eu estou, eu estou lá no Leia Com Uma Garota todo episódio batendo na tecla que os clássicos são clássicos por algum motivo. E valorizem os clássicos.

Sidney Andrade: Tem um meme no twitter que é o “ai gente, é muito difícil viver momentos históricos eu não quero mais”.

Maysa Nascimento: Quero só um pouquinho de momentos apagados da história.

Sidney Andrade: Por favor, me deixa viver um período histórico em que nada acontece, que não vai ser registrado em nenhum livro futuramente. Carol e o seu jabá?

Carol Lima: Você quer fazer parte do clube do livro? Então, pessoal, vamos lá no Leia Como Uma Garota que é o nosso spinoff daqui do Estação 21, né? Onde a gente é um clube do livro e um podcast que a gente lê obras escritas por mulheres. É um clube só feito de meninas e a gente está lá lendo muita coisa foda e analisando muita coisa foda e mandando o povo estudar, e pistolando muito. Vocês vão encontrar o nosso formulário para participar lá no Anchor do Estação, lá no site e quem pode participar do grupo, né, do clube, são mulheres, cis ou trans, nós somos trans inclusivas. Mas para ouvir pode todo mundo e vocês encontram os episódios da gente no feed do Estação também vão lá escutar e participar das leituras também e interagir com a gente, mandar comentário, mandar as interpretações de vocês, as notas. Enfim, a gente está lá para interagir mesmo. Nossa arroba no instagram é @LCUG\_pod.

Sidney Andrade: É bom, então encerramos aqui prezados e prezadas este tema dileto, fique atento para o próximo episódio, que será O Labirinto do Fauno, a primeira obra que venceu a votação. A segunda rodada da votação. Se você gosta dessa obra e muito maravilhou, o próximo episódio será O Labirinto do Fauno. Fique atento, ok? Se

você quer ficar atento também as próximas votações e, quem sabe, votar em Matrix para um dia a gente falar aqui sobre as irmãs Wachowski...

Marciel Faria: Votem em Lost.

Sidney Andrade: Lost saiu, vai demorar voltar. Flopou. Mas fique atento aí nas nossas redes. A gente está sempre divulgando. Em época de votação é porque, como é meio caótico assim, não dou um prazo. Então você tem que estar atento nas nossas redes ou nos nossos grupos. Você nos segue no @estacao21? Pode tanto no Instagram quanto no Twitter quanto no TikTok. Você pode participar do nosso grupo do Facebook, que é grupos/estação 21, pode você pode nos mandar um e-mail, prezado, se você quiser falar sobre as suas distopias favoritas no e-mail estacao21pode@gmail.com, agora a gente vai dar um tchau muito bad vibes, muito distópico, porque a gravação hoje foi pensada, não é mesmo? Em 321, tchau...

Todos: Tchaaaauuuuuuuu

(VINHETA DE ENCERRAMENTO “Tudo tem que terminar em certo ponto. Do contrário, nada nunca começaria”)